



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM EDUCAÇÃO
CONHECIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL
Faculdade de Educação da UFMG

MARIANA VIEIRA DA ROCHA

**A Rádio Sociedade e a Educação
para Roquette-Pinto**

**Belo Horizonte
2010**

Mariana Vieira da Rocha

A RÁDIO SOCIEDADE E A EDUCAÇÃO PARA ROQUETTE- PINTO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais para obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de Concentração: História da Educação

Orientador: Prof. Dr. Bernardo Jefferson de Oliveira

Belo Horizonte
Faculdade de Educação da UFMG

2010

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao estímulo do orientador, professor Bernardo Jefferson de Oliveira, que buscou instigar meu olhar para a construção da pesquisa no campo da história da educação, acreditando nas minhas contribuições como comunicóloga e divulgadora da ciência para o desenvolvimento deste trabalho.

Às enriquecedoras sugestões do professor Marcos Carvalho e suas relevantes correções, que me ajudaram na contextualização do objeto de estudo e proporcionaram grande aprendizado.

Ao parecer da professora Maria Cristina Soares de Gouvêa que contribuiu inicialmente com este trabalho.

Aos documentos cedidos pela professora e jornalista Luisa Massarani.

À recepção e disponibilidade da equipe da Rádio MEC e da SOARMEC, principalmente à Lauriana Telles, à Renata Mello e ao jornalista Renato Rocha.

À escola da Secretaria Estadual de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior de Minas Gerais, que foi fundamental para o amadurecimento das idéias e a minha incursão pelo universo acadêmico.

À confiança, o apoio e o carinho demonstrados pela querida Déa Fonseca.

À Graça Brant que iluminou meu caminho e me fez entender que popularizar a ciência significa somar a comunicação à educação e triplicar atenção com as palavras. Com os olhos sempre atentos e os braços abertos foi o acalanto dos meus momentos de ansiedade.

Ao meu pai pelo apoio incondicional, a sua sabedoria e os vastos conhecimentos de balé à física nuclear! Pai, a brincadeira é uma forma carinhosa de lhe dizer o quanto lhe admiro e tenho me espelhado em você.

Ao meu irmão João Pedro por ser o exemplo de conduta de um pesquisador e me orientar no trato com os trabalhos acadêmicos. Além do seu carinho, foi o responsável por me tornar cada dia mais persistente.

Ao meu irmão Henrique por dividir algumas de minhas angústias e juntos estabelecermos um pacto de compreensão, amor e solidariedade.

À vovó Iaiá pelas inúmeras velas ao São Judas e intenções nas missas e pelo cuidado e carinho que tanto colaboraram para meus dias de sufoco se tornarem

mais prazerosos. Ao vovô João pelas orações em francês, inglês e pela valorização dos títulos!

À Ana Luísa e a todas as vezes que sorriu pra mim sem saber que eu estava quase chorando de tão cansada e aflita. Obrigada pela luz que carrega no nome e em nossas vidas, tão pequena e tão grande ao mesmo tempo.

À mamãe que tem sido nossa constante fonte de inspiração.

Às minhas tias que tem me ensinado que é preciso viver um dia de cada vez, mesmo que suas vidas andem a mil por hora!

Às minhas queridas amigas e amigos (não vou citá-los para não cometer a injustiça de alguém ser esquecido) gostaria agradecer pelo amor, companheirismo e cuidado que recebi de todos vocês que tanto ajudaram para o desenvolvimento e conclusão deste trabalho.

[...] Tal como os bons médicos que pregam: 'não há doenças, há doentes', o bom mestre deve começar bem certo de que não há ignorância, há ignorantes.
(ROQUETTE-PINTO, 1927, p. 59)

RESUMO

Tendo como objeto de estudo as iniciativas de Roquette-Pinto para educar a população brasileira por meio da Rádio Sociedade, esta pesquisa se propôs responder como era vista a educação para Roquette-Pinto. No primeiro capítulo abordamos o contexto da educação e da ciência no Brasil. O segundo capítulo tratou das influências sob o trabalho de Roquette-Pinto, suas preocupações sociais e as crenças na radiodifusão. O terceiro capítulo, e central, trouxe as experiências vividas por ele na Rádio Sociedade, suas expectativas em relação à educação da população brasileira, buscando retratar seu público e as tentativas para educá-lo. Para isso, o trabalho se utilizou da epistolografia, analisando 700 imagens disponibilizadas pelo site da Rádio Sociedade na internet, o qual foi produzido pela equipe da Casa da Ciência/ Fundação Oswaldo Cruz, - FIOCRUZ -. Essas imagens representam cartas, telegramas, documentos oficiais, atas de reuniões, programações, anúncios, enviados e recebidos por Roquette-Pinto. Fizemos perguntas aos documentos na medida em que eles nos ofereceram pistas importantes sobre nosso objeto. Foram feitas perguntas sobre quem era esse público? Como funcionava a Rádio Sociedade? Como era a relação com os ouvintes? Qual era o contexto e que idéias estavam sendo discutidas? Muitas respostas foram complementadas e certificadas com a ajuda das informações presentes em algumas edições das revistas publicadas pela Rádio Sociedade, a *Electron* e a *Radio*, recortes de alguns jornais da época, também disponibilizados pelo site. Ainda foram utilizados materiais bibliográficos, comentários de terceiros, pesquisas sobre instituições e sujeitos da primeira metade do século XX, documentos institucionais e alguns exemplares da *Revista Nacional de Educação*, referentes aos anos de 1932 e 1933. O trabalho procurou mostrar como o ideal de educar a população no Brasil de Roquette-Pinto foi sendo construído, e a representatividade da Rádio Sociedade neste contexto, a qual, sob uma visão de melhorar os meios de comunicação e integrar culturalmente as populações isoladas, doentes e com baixa escolaridade do país, foi criada como principal ferramenta para educar. Deste modo, nascia a primeira rádio educadora no Brasil, em 1923, como um meio rápido, de baixo custo e simples para levar a cultura, as informações, “o ensino prático elementar” e o civismo a uma população sem contato

com a cultura vivenciada nas capitais urbanizadas. Dentre os assuntos que a Rádio Sociedade procuraria reforçar estavam a educação científica, as relações entre higiene, saúde e moral e identidade nacional. Foi através da Rádio Sociedade que educar passou pela divulgação da ciência e da tecnologia, mas também pela divulgação da música popular e clássica, da arte, da literatura, da transmissão de noticiários e das histórias infantis. Houve uma preocupação constante em contribuir para o fortalecimento do sentimento de nacionalidade da população brasileira. Vimos que Roquette-Pinto não falava de uma educação orientada apenas pelos currículos escolares nem pelas produções científicas. Entendemos com a pesquisa que ele falava de uma educação promovida como “inicial”. No entanto, o significado de inicial para ele e para seu público muitas vezes se difere, exigindo uma constante negociação sobre a proposta de educar.

Palavras chaves: História da Educação, Rádio, Divulgação Científica, Comunicação, Educação, Cultura.

ABSTRACT

Having as object of this study Roquette-Pinto's initiatives to educate the Brazilian public through the Rádio Sociedade (Radio Society), this research has proposed to answer how education was seen by Roquette Pinto. The first chapter addressed the context of education and science in Brazil. The second chapter dealt with the influences on Roquette-Pinto's work, his social concerns and beliefs in broadcasting. The third chapter, and the central one, brought in his experiences in the Rádio Sociedade (Radio Society), his expectations related to the promotion of Brazilian people education, seeking to portray his public and the attempts to provide people with education. To that end this work used the epistolography, analyzing 700 images available in the Radio Society's website in the internet, which was produced by the team of the Casa da Ciência/ Fundação Oswaldo Cruz, - FIOCRUZ. These images represent letters, telegrams, official documents, meeting minutes, programmes, announcements sent and received by Roquette Pinto. We asked the questions as long as the documents offered relevant clues about our object. Questions were made about: Whom this public was, How the Radio society worked, How the relationship with the listeners was, What the context was and What ideas were being discussed. Many answers were complemented and certified with the help of the existing information found in some editions of the magazines published by the Radio Sociedade, such as the *Electron* and *Radio*, some newspaper clippings from that time, also available in the site. Some bibliographic material, comments from other people, researches about institutions and people from the first half of the XX th century, institutional documents and some copies of the *Revista Nacional de Educação*, referring to 1932 and 1933, were also used. The work sought to show how Roquette-Pinto's ideal of providing education for the Brazilian people was being built, and the Radio Sociedade representativeness in this context, which under a view of improving communication media and culturally integrate the isolated populations, sick people and those with low education level in the country, has been created as the main tool for educating people. Thus the first educational radio was born in Brazil, in 1923, as a fast, low cost and simple way to bring culture, information, "the elementary practical teaching" and civism to a population with no contact with the living culture of the urbanized capital cities. Among the matters that

the Radio Sociedade would try to strengthen there was the scientific education, the relationship between hygiene, health and morals and national identity. It was through the Radio Sociedade that to educate passed by the dissemination of science and technology, but also by the dissemination of popular and classical music, arts, literature, news broadcast and children's stories. There was a constant concern in contributing for the strengthening of the Brazilian people's nationality feeling. It was realized then that Roquette Pinto was not talking about an education oriented just by the school curricula or by the scientific products. With this research it was found that he talked about an education promoted as "basic". However, the meaning of basic for him and his public often differs, requiring a constant negotiation about the proposal of education.

Keywords: History of Education, Radio, Popular Science, Communication, Education, Culture.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| 1. INTRODUÇÃO | 11 |
| 2. BRASIL: CIÊNCIA E EDUCAÇÃO | 14 |
| 2.1 A Ciência que se Inicia no País..... | 14 |
| 2.2 A Relação Entre a Educação e o Pensamento Positivista | 15 |
| 2.3 O Ensino Escolar e as Influências dos Conhecimentos Científicos | 16 |
| 2.4 As Instituições Brasileiras e Seus Grupos de Pensadores | 17 |
| 2.4.1 A Associação Brasileira de Educação | 19 |
| 2.5 Conclusão | 23 |
| 3. ROQUETTE-PINTO: INFLUÊNCIAS E DISCUSSÕES SOBRE A RADIODIFUSÃO NO BRASIL | 25 |
| 3.1 Roquette-Pinto e as Questões Sociais..... | 25 |
| 3.1.1 A visão sobre a falta de saúde e de educação no Brasil | 26 |
| 3.2 Roquette-Pinto e Algumas Influências na Sua Formação..... | 30 |
| 3.3 A radiodifusão e a Educação do Povo | 33 |
| 4. A RÁDIO SOCIEDADE DO RIO DE JANEIRO | 37 |
| 4.1 Metodologia | 37 |
| 4.2 O Desenvolvimento da Rádio Sociedade..... | 40 |
| 4.3 A recepção dos Ouvintes | 45 |
| 4.4 A Programação e os Grupos de Amadores do Rádio | 49 |
| 4.5 As Dificuldades Encontradas | 53 |
| 4.5.1 A Campanha pela liberação do rádio no Brasil..... | 53 |
| 4.5.2 A manutenção da Rádio Sociedade..... | 54 |
| 4.5.3 A Programação Musical e os Conflitos de Interesse..... | 57 |
| 4.6 Outras Experiências Relacionadas | 59 |
| 4.6.1 A Rádio Sociedade e o Cinema Educativo | 59 |

| | |
|---|-----------|
| 4.6.2 A Rádio Sociedade e a Revista Nacional de Educação..... | 60 |
| 4.7 A Educação..... | 67 |
| 5. CONCLUSÃO | 72 |
| REFERÊNCIAS | 74 |

1. INTRODUÇÃO

Estudar a trajetória de Roquette-Pinto (1889-1954) é conhecer um pedaço da história do Brasil. Nesse trecho, acompanhamos a aproximação de pesquisadores com os governos para a criação, o fortalecimento e a manutenção de instituições científicas, os embates entre o positivismo clássico e suas interpretações, as teorias sobre raça – entre elas a eugênica –, a participação dos intelectuais nos debates da educação, a utilização do rádio e do cinema como instrumentos para a divulgação científica.

Na historiografia da ciência, os temas como o positivismo, a divulgação científica e a eugenia foram tratados nas pesquisas acerca do trabalho e da vida de Roquette-Pinto. Reconhecido como pioneiro da rádio brasileira¹, ele recebeu atenção especial do campo da comunicação, no que se refere à história do rádio bem como em pesquisas sobre as antigas e atuais teorias propostas para os meios de comunicação em massa. Na historiografia da educação também foi pesquisado. A pesquisa focou a contribuição das iniciativas desenvolvidas na Rádio Sociedade para a criação das rádios-escola como também tendeu para a possibilidade de um espírito visionário de Roquette-Pinto em relação ao ensino a distância². Outro tema explorado pelo campo da educação diz respeito às suas experiências voltadas para o cinema escolar, num período anterior à criação do Instituto Nacional do Cinema Educativo (INCE)³. Há menções ao seu nome quando os temas discutidos são o movimento escolanovista⁴, as concepções de eugenia⁵ e os debates na Associação Brasileira de Educação⁶.

Como Roquette-Pinto, muitos sujeitos passaram a ser vistos de lugares diferentes da história, o que veio ampliar as perspectivas de leitura sobre suas obras

¹ A primeira transmissão realizada no Brasil foi em 1922, com o discurso do então presidente Epitácio Pessoa, em meio às comemorações do Centenário da Independência. A primeira estação de rádio foi fundada em Recife, em 1919, por Augusto Pereira e Oscar Moreira. Foi também uma das primeiras instalações radiofônicas do mundo, transmitindo, na época, para o centro de Recife e alguns subúrbios próximos. No entanto, essa estação não tinha uma programação definida, estruturada profissionalmente como a rádio fundada por Roquette-Pinto no Rio de Janeiro em 1923 (ALBIN, 2006. p. 13).

² Cf. GILIOILLI, 2008.

³ Cf. FERREIRA, 2004.

⁴ Cf. VEIGA, 2007.

⁵ Cf. D'AVILLA, 2006.

⁶ Cf. CARVALHO, 1998.

como também sobre um mesmo contexto histórico. Desse modo, sob o foco da história da educação, este trabalho se propõe a analisar o período em que Roquette-Pinto se dedicou à Rádio Sociedade do Rio de Janeiro (1923-1936) com o objetivo de enriquecer as interpretações sobre ideias e iniciativas significativas para a educação no Brasil.

A historiografia da educação tem apontando para um esforço em relação à utilização de novas fontes de estudo com a utilização de manuais médicos, exposições, cartas, revistas populares de ciências, filmes, jornais, entre outros, como fontes de estudo, além de documentos e dos discursos. Assim como na história em geral, o alargamento dos temas abordados pela história da educação foi responsável pelo uso de outras fontes pelos pesquisadores. Os historiadores da educação incorporaram a ideia de que a história se faz a partir de qualquer traço ou vestígio deixado pelas sociedades passadas, sendo insuficiente o uso apenas das fontes oficiais⁷.

Nesse sentido, o trabalho se utilizou da epistolografia, analisando cinco mil cartas presentes no acervo digital da Rádio Sociedade. Além disso, analisou os periódicos publicados em 1926 da revista *Electron* e alguns exemplares da revista *Radio*, recortes de alguns jornais da época, disponíveis na internet pela Fundação Oswaldo Cruz. Ainda foram utilizados materiais bibliográficos, comentários de terceiros, pesquisas sobre instituições e sujeitos da primeira metade do século XX, documentos institucionais e alguns exemplares da Revista Nacional de Educação referentes aos anos de 1932 e 1933.

Fazendo uso desse material, e com o foco nas iniciativas para educar a população brasileira por meio da Rádio Sociedade, este trabalho se propôs a responder como era vista a educação para Roquette-Pinto? Como em um quebra-cabeça, outras questões foram levantadas na medida em que tentávamos responder ao problema central, passando pelas seguintes questões: A quem ele se referia como “o povo”? Quais os problemas que ele pretendia resolver? Como planejava fazer isso por meio da Rádio Sociedade? Sob o ponto de vista da radiodifusão, como para ele a almejada transformação da mentalidade poderia ser alcançada com a transmissão de informação radiofônica?

⁷ LOPES, 2005.

Ao tentar responder às questões, organizamos, assim, os capítulos: no primeiro capítulo abordamos o contexto da educação e da ciência no Brasil. O segundo tratou das influências sob o trabalho de Roquette-Pinto, suas ideias concebidas durante o trabalho com Rondon, as preocupações sociais e as crenças na radiodifusão. O terceiro capítulo, e central, trouxe as experiências vividas na Rádio Sociedade, suas expectativas em relação à educação da população brasileira e as respostas dos ouvintes.

Dessa maneira, acreditamos que o desenvolvimento deste trabalho poderá oferecer ao leitor uma visão mais clara de Roquette-Pinto no contexto educacional do País durante a existência da Rádio Sociedade. E, ainda, como a emissora está inserida na construção de um discurso social articulado com as questões que dizem respeito à transformação da sociedade brasileira por meio da educação.

2. BRASIL: CIÊNCIA E EDUCAÇÃO

2.1 A Ciência que se Inicia no País

O Brasil, nos fins do século XIX, não contava com uma produção científica de destaque, distante de uma ciência do tipo experimental e as teorias vindas da Europa eram tomadas como referência. “Nos institutos, nos jornais, nos romances era como uma sociedade científica e moderna que o Brasil de finais de século pretendia se auto-representar”⁸. Percebia-se um comportamento em relação à ciência muito mais de aproximação da literatura e da ficção do que propriamente de um comportamento científico, o que explicaria o maior consumo de manuais e livros de divulgação do que de obras ou relatórios originais. Gostar de ciência fazia parte da conduta dos representantes da monarquia brasileira. Em um período marcado pelo término da Guerra do Paraguai (1864-1870) e um cenário econômico que apresentava relativa estabilidade em função da produção cafeeira, a monarquia brasileira via a valorização dos modelos de ciência da Europa como forma de se diferenciar das demais repúblicas latino-americanas. Mas a aproximação do Brasil dos modelos europeus de conhecimento e civilidade, valorizava muito mais uma “ética científica” do que seu avanço. O comportamento do próprio d. Pedro II foi um exemplo de como havia uma preocupação em mudar a imagem externa do País. O monarca, frequentador assíduo de exposições e eventos científicos, cuidava para que o Brasil fosse retratado nas diversas edições das Exposições Universais como uma “nação moderna, industriosa, civilizada e científica”⁹.

Foi por meio da literatura que a elite brasileira – consumidora dos modelos europeus de ciência – se divide principalmente entre dois estudos. Um deles dizia respeito às teorias baseado nos princípios evolucionistas de Darwin e Spence; o outro, às teorias científicas raciais que correlacionavam patrimônio genético, aptidões intelectuais e inclinações morais, apresentando as implicações de países acometidos pela mistura de raças¹⁰.

⁸ SCHWARCZ, 1993. p. 30.

⁹ SCHWARCZ, 1993. p. 32.

¹⁰ SCHWARCZ, 1993. p. 33-42.

No entanto, mesmo que a ciência consumida no Brasil fosse uma mera reprodução de teorias europeias, é também a partir de 1870 que o cenário começa a sofrer uma lenta mudança. Como Schwarcz (1993) chama a atenção, começava a se ver no País a formação de uma pesquisa mais independente realizada por grupos de intelectuais vinculados aos institutos de pesquisa brasileiros. É nos fins do século XIX, até a década de 1920, que a pedagogia também busca uma legitimação como ciência, baseada nos parâmetros da experimentação.

2.2 A Relação Entre a Educação e o Pensamento Positivista

A mecanização das indústrias, a independência dos Estados Unidos e a Revolução Francesa, a partir da metade do século XVIII, tiveram repercussão nas colônias europeias nas Américas, entre elas o Brasil. Esses acontecimentos levaram-nas, no século XIX, à independência, “à consolidação das formas constitucionais de governo, à consciência de nação e à afirmação do sistema capitalista bem como às ideias sociais que o questionaram” O termo ‘nação’ passou a ser entendido como o poder político que organiza uma comunidade de indivíduos dotados de liberdades e de direitos e unificados por uma mesma tradição cultural. Por outro lado, o crescimento urbano e industrial nas cidades europeias como França e Inglaterra piorou as condições de vida da população pobre, acentuando ainda mais a situação de miséria e o descrédito nos projetos liberais¹¹ que visavam à liberdade social ¹².

Dessa maneira, o século XIX foi marcado por movimentos sociais que apontavam para a necessidade de uma melhor interpretação das relações entre indivíduos e sociedade. As obras positivistas de Auguste Comte (1798-1857) e Émile Durkheim (1858-1917) ganham importância. A visão para os teóricos era de que a sociedade se colocava “anterior aos indivíduos e fonte da moralidade, da linguagem e da subjetividade”; seria necessária uma educação em que as novas gerações se adaptassem nas sociedades em que viviam, garantindo a “ordem e o progresso”. A educação das populações passou a ser vista como questão central de políticas para solucionar os problemas sociais e proporcionar a manutenção da ordem liberal. Assim, a profissionalização e/ou a escolarização dos leigos, monopolizada pelo

¹¹ O liberalismo pregava, além de outros elementos, o livre comércio.

¹² VEIGA, p. 83-88.

Estado, foram medidas para conter os problemas educacionais. Anteriormente a isso, a população pobre não fora tratada como problema social por muitos pensadores. Somente a partir do século XIX que – para a maioria das nações – a nova visão sobre as relações sociais confia ao ensino o papel de socializar a civilização ¹³.

A relação da sociedade com os indivíduos também é vista por estudiosos no Brasil sob o foco das obras positivistas europeias. Entretanto, segundo os trabalhos de Roque Spencer Maciel de Barros e Ângela Alonso, o positivismo no País foi reformulado de tal modo entre a intelectualidade brasileira, durante a década de 1870, que não podia ser considerado como mera cópia dos modelos originais europeus. Alonso ainda considerou como marcante duas ideias difundidas pelos intelectuais: uma era sobre o papel do cientista como grande reformador social, cumpridor de uma missão. A outra, e ainda a defesa da nacionalidade baseada no ponto de vista científico, “todos os positivistas eram decididamente republicanos”. Mesmo com alguns consensos, ela ressalta que o positivismo no Brasil não poderia ser representado por um conjunto de ideias homogeneas, mas sim por diversas tendências ¹⁴.

Dessa maneira podemos compreender parte da origem de alguns ideais entre intelectuais das primeiras décadas do século XX. Envolvidos em debates cujo objetivo era apontar soluções para os problemas nacionais, os discursos direcionavam para a construção da identidade nacional e a cura das moléstias da população brasileira. A visão de reformas no Brasil entre os intelectuais teria sido reforçada por certa desilusão com os ideários dos primeiros anos da República. A intelectualidade passou a entender as questões do mundo sob o foco da ‘moralidade individual, política e administrativa’ e não mais sob a luz de uma visão estritamente científica. ¹⁵

2.3 O Ensino Escolar e as Influências dos Conhecimentos Científicos

Nas primeiras décadas do século XX, chamada de “pedagogia científica”, um ramo da pedagogia assumia os pressupostos e práticas da antropologia,

¹³ VEIGA, 2007. p. 88.

¹⁴ LIMA; MIRANDA DE SÁ, 2008. p. 57-84.

¹⁵ *Op. cit.*, 2008. p. 57-84.

psicologia, medicina e da psiquiatria e produzia em seus estudos um conjunto de normas e padrões de medidas. O cruzamento de informações como “compleição física, tipo racial, traços morais, marcas de hereditariedade, ambiente familiar” determinariam o caráter específico do aluno. Para essa linha de pensamento, o estudo dos tipos tornou-se fundamental na identificação e separação dos alunos aptos ao aprendizado do restante. Aqueles que fossem julgados como incapazes de aprender poderiam, dependendo do caso, ser encaminhados para as casas de correção, hospícios ou prisões.¹⁶

A pedagogia científica acompanhava a leitura de outras ciências nas determinações de anormalidades, e, assim, caminhava no sentido de justificar “as desigualdades sociais e de explicar o progresso e o atraso dos povos”. Entretanto, segundo Carvalho (2006), essa mesma pedagogia percebia que a determinação de sua “clientela” seria contraditória aos ideais republicanos de levar educação a todos, provocando mudanças em seu discurso e nas práticas pedagógicas. Nomeadas pela expressão “escola nova”, e, baseadas em princípios científicos, as novas práticas pedagógicas propuseram uma nova compreensão da capacidade de aprendizado do ser humano. Era preciso uma nova educação, voltada para uma sociedade em transformação, efeito da indústria e da técnica. Em um país de mestiços como o Brasil, “constituir a saúde (e a educação) como problema nacional”¹⁷ libertaria a intelectualidade de pensar a população como fator do não desenvolvimento do país, de acordo com as teorias deterministas¹⁸.

Na campanha educacional, saúde, moral e trabalho compunham o trinômio sobre o qual se deveria assentar a ‘educação do povo’. Montava-se, com ele, uma espécie de jogo de espelhos: hábitos saudáveis moralizam; uma vida virtuosa é saudável; moralidade e saúde são condição e decorrência de hábitos de trabalho; uma vida laboriosa é uma vida essencialmente moral e saudável etc.¹⁹

2.4 As Instituições Brasileiras e Seus Grupos de Pensadores

Intelectuais atuantes em instituições científicas e associações representantes de diferentes campos do conhecimento vão engrossando os debates

¹⁶ CARVALHO, 2006.

¹⁷ CARVALHO, 2006.

¹⁸ CARVALHO, 2006.

¹⁹ CARVALHO, 2006.

políticos e econômicos no Brasil durante as primeiras décadas do século XX. Suas ideias tinham uma preocupação em comum: o destino do País. Não se limitando aos questionamentos em relação à pouca valorização da ciência no país, entre suas preocupações estavam as condições sociais. Eram “os sujeitos esclarecidos” que criticavam as leis e as políticas brasileiras, “ao delatar a dissonância entre realidade social aqui vigente e os padrões civilizados dos grandes centros desenvolvidos”²⁰. Para esses intelectuais, não só a produção de uma ciência pura elevaria a condição de reconhecimento do Brasil frente a outros países, como também a supressão de problemas sociais trariam a “ordem e o progresso”²¹ ao País. Foi no ambiente das instituições científicas e academias que intelectuais como Henrique Morize tenderam suas preocupações para as questões sociais, além do ideal constante de aumentar o grau de civilização no Brasil com a produção de “ciência pura”. Henrique Morize iniciou sua carreira como professor catedrático de física na Escola Politécnica do Rio de Janeiro e sua tese intitulada **Raios Catódicos e de Roentgen – Estudo teórico e experimental da descarga nos gases rarefeitos** foi reconhecida por contribuir com um dos mais importantes temas da física da época: a natureza e o comportamento dos raios catódicos e dos raios de Roentgen (raios-X). Descrito em estudo biográfico como um homem pacato e defensor da ciência desinteressada, ao assumir a direção do Observatório Astronômico Nacional, em 1908, e mais tarde a presidência da Academia Brasileira de Ciências, Henrique Morize teve um envolvimento gradativo com as políticas públicas relacionadas à educação da população.²²

Assim como Morize, intelectuais presentes em outras instituições ganharam espaço na arena política e econômica brasileira, tendo como finalidade propor um melhor destino para o Brasil. Ao longo do século XIX até as primeiras décadas do século XX, o País viu a participação de médicos no ensino escolar e na definição dos saberes que deviam ser informados à população para a garantia de uma boa saúde. Muitos médicos foram influentes durante o Império, e depois a República, para a criação de disciplinas e condutas escolares, baseadas nos princípios da higiene. Também baseados nesse princípio, os discursos e práticas médicas, além de se ocuparem das questões relativas à educação escolar, tiveram

²⁰ MONARCHA, 2009. p. 89.

²¹ Palavras eleitas para nomear a associação, Sociedade Positivista, fundada por Comte em 1848 como também presentes na bandeira republicana brasileira (VEIGA, 2007, p. 88).

²² VIDEIRA, 2003. p. 67.

repercussão nas políticas públicas para a organização da vida nas cidades. Era dever de um médico, inclusive, voltar-se para preocupações com a localização e o funcionamento dos edifícios escolares, o tempo e conteúdo das disciplinas, com a inteligência e a moral, com as condições apropriadas de alimentação, sono, banho, vestimentas, a realização de exercícios físicos, práticas de determinadas leituras. Dessa maneira, a institucionalização da Medicina no Brasil foi adquirindo características de cunho social, uma vez que se constituiu atrelada à educação, moral e higiene de toda a população. Assim, “incorporando o meio urbano como alvo de sua reflexão e de sua prática”, a medicina foi-se afirmando como indispensável ao poder do Estado, vislumbrando ser a solução para as doenças causadas por uma sociedade desorganizada ²³. Dessa maneira, o pensamento de tornar o Brasil tão avançado quanto o que se via nas sociedades europeias partia de grupos de intelectuais formados desde a criação de instituições como o Museu Nacional (1818), o Observatório Nacional (1827), o Instituto Histórico Geográfico e Brasileiro (1838), o Instituto Oswaldo Cruz (1900), a Academia Brasileira de Ciências (1916), Liga Pró-Saneamento do Brasil e a Sociedade de Eugenia de São Paulo (1918).

2.4.1 A Associação Brasileira de Educação

O debate sobre a ciência, a educação, a saúde, a moral e o trabalho se acirra no fim da década de 1910. Influenciados por correntes de pensamento que sofreram impactos causados pela I Guerra Mundial e as desorganizações vistas nos cenários como as greves operárias, os “entusiastas da educação” o retomam na década de 1920 ²⁴. O “entusiasmo pela educação” marcou uma crença no poder da educação, mas não foi qualquer tipo de educação, e sim algo “novo”, que fornecesse o melhor modo de formar homens para a sociedade em transformação ²⁵. Nesse sentido, há um reforço no discurso “cívico-nacionalista”, ficando também em evidência na produção intelectual das décadas de 1920 e 1930. A Associação Brasileira de Educação – ABE destacou -se como um dos cenários em que o discurso esteve presente. Criada em 1924, a proposta consensual entre os membros

²³ GONDRA, 2007.

²⁴ CARVALHO, 2006.

²⁵ CARVALHO, 1998. p. 32.

da ABE era a de transformar a realidade brasileira por meio da educação, da moral e do civismo.²⁶

É muito tênue a diferença entre a prática dessas organizações cívicas e a que caracterizou as associações de profissionais como médicos, educadores, engenheiros e higienistas que, na década de 20, se organizaram através de inúmeros congressos e conferências em torno de questões eleitas como pontos privilegiados de intervenção. Nelas, inúmeros rituais conformavam tais questões como causas cívicas, validando objetos e técnicas de intervenção e credenciando seus agentes. Nesta situação é que se dá a montagem de diversos dispositivos de controle, ordenação, regulação e produção do cotidiano das populações pobres. O reformador social – cuja presença marcante na década de 20 só recentemente tem sido registrada e analisada – tem nessas organizações o seu lugar de emergência.²⁷

Dentro desse contexto, a atenção era voltada para a escola e para as propostas de reformá-la, pois ela era a peça fundamental no combate à ignorância. A população composta por analfabetos “de letras e ofícios” era considerada uma ameaça ao Progresso do Brasil. Na Associação Brasileira de Educação – ABE, intelectuais que se autodesignaram responsáveis por pensar nas questões sociais do País acusavam a política republicana de ter “abandonado milhões de analfabetos de letras e de ofícios, toda uma massa popular, núcleo da nacionalidade. Vicente Licínio Cardoso, intelectual que cunhou a expressão “pensar Brasil”, via a República como omissa aos problemas dos negros emancipados, aos analfabetos e ao ensino profissional; portanto era a hora de reparar esses erros²⁸.

Colaborador da Rádio Sociedade e coordenador de um dos grupos de intelectuais da ABE, Ferdinando Labouriau defendeu a ideia de que a Educação seria a grande responsável pela unificação nacional. Para isso, era necessário um Ministério no qual as decisões fossem centralizadas, o que evitaria a “dispersão de esforços”, possibilitando a formulação de uma nova política nacional de educação. A educação deveria estar para os interesses do Estado assim como a siderurgia e o café. Labouriau viu a escola “como o aparelho capaz de dinamizar a produção, favorecendo o estabelecimento de um circuito de produção e circulação de bens culturais e mercadorias”, pois formaria pessoas, fixando nas mentes ‘brutas’ conhecimentos que as tirariam de um estado de ‘desânimo’, ‘apatia’ e ‘servilidade’. Além desse pensamento, o grupo de Labouriau esteve mais focado com a formação

²⁶ CARVALHO, 1989. *Passim*.

²⁷ CARVALHO, 1989.

²⁸ CARVALHO, 1989. *Passim*.

de uma “uma nova elite cultural e política, capaz de *pensar o Brasil*, e de exercer seu influxo dinamizador sobre as instituições, entre elas a escola”²⁹. O pensamento sobre a produção de uma elite que participasse da elaboração de propostas para a educação no Brasil foi representado na Seção de Ensino Técnico e Superior e teve a participação de intelectuais como Roquette-Pinto, Venâncio Filho, Amoroso Costa, Tobias Moscoso, Álvaro Ozório de Almeida. As questões centrais eram a reformulação dos currículos e o incentivo à produção científica nacional. As universidades foram consideradas pelos intelectuais como geradoras de uma consciência brasileira que viria a pensar as questões sociais do Brasil³⁰. “Pensar o Brasil e produzir conhecimento tido como indispensável ao Progresso e formar a consciência da própria nacionalidade eram as metas principais da universidade projetada pela Seção de Ensino Técnico e Superior”³¹.

Em outro grupo, liderado por Fernando Magalhães, a unidade nacional seria possível somente com o foco da educação na escola primária e na formação de internatos rurais onde haveria cuidado físico, moral e intelectual ao estudante, ‘o programa prático capaz de dar rumo proveitoso à vida rural do Brasil, criando uma população pensante digna de mantê-la, melhorá-la e defendê-la’. O brasileiro teria os mesmos conhecimentos em todas as partes do país. O desejo de superação da escola dual, dividida em ensino primário e secundário, demandava um ensino que preparasse o aluno para as exigências da sociedade em transformação. As expressões como “cultura básica”, “cultura média do país”, “educar para a vida”, “fornecer educação e a cultura de acordo com as aptidões individuais” são ideias que reforçam a urgência de se criar maneiras de educar o povo³².

Para Magalhães era necessário desenvolver “um programa de cultura inicial pelo conhecimento suficiente da língua materna, das tradições históricas do povo, da extensão territorial e aspectos geográficos do país, de noções de higiene, de educação cívica, ao lado da aprendizagem do cultivo inteligente e do aproveitamento das riquezas do solo. Expressões utilizadas por Magalhães como ‘cidadão útil’, ‘o trabalho rural em fuga’, ‘o sertão do país em abandono’, representam a preocupação com o pouco conhecimento das populações afastadas

²⁹ CARVALHO, 1998. p. 223-224.

³⁰ Ibid., 1998, p. 268-276.

³¹ *Op. Cit*, 1998, p. 258.

³² CARVALHO, 1989. *Passim*.

das capitais e esquecidas pela política que não se interessava por formar trabalhadores do campo, abandonados e substituídos pelos imigrantes.

O grupo de Barbosa de Oliveira acreditou que a prosperidade econômica do Brasil viria com a projeção de escolas primárias, secundárias e profissionais, sustentadas pelas concepções baseadas na organização do trabalho, seguindo os padrões mundiais. Assim, a orientação vocacional toma a dimensão de ajustar os alunos ao mundo profissional, direcionando suas escolhas para maior aproveitamento de suas 'energias e aptidões'. Seriam formados alunos capazes de interagir com as mudanças sociais recorrentes, aptos a buscarem um posicionamento na sociedade. As ideias de educar para a vida e educar para o trabalho enfatizaram outra parte do discurso nacionalista na ABE. Outra questão muito difundida por ele era a "uniformização cultural da nação através da escola", que significava estabelecer um padrão geral de conhecimento cultural a todos os brasileiros.

A ABE funcionou como "instância de organização e credenciamento de reformadores sociais", legitimando seus agentes no debate sobre educação que circulava entre a intelectualidade brasileira, e colaborou com seus pareceres técnicos realizados por meio dos Inquéritos e Conferências para as políticas públicas principalmente a partir de 30. A correção da massa popular por meio da educação assumiu um discurso unânime dentro da ABE, mesmo que primeiramente as posições entre os membros estivessem divididas em pensamentos industrialistas ou agraristas. Os intelectuais que viam como solução as políticas industrialistas pediam pela realização de "medidas educacionais que incorporassem levas de ociosos ao sistema produtivo"; já as políticas agraristas desejavam uma escola que permitisse a manutenção do homem no campo³³.

A demanda por um povo regenerado por medidas educacionais refletia na literatura e Euclides da Cunha escrevia sobre o lema "progredir ou desaparecer", sugerindo possíveis catástrofes, caso a elite não interviesse. Dessa maneira, educar o povo entre as décadas de 1920 e 1930 teve um sentido de resgate para os intelectuais que se reuniam na ABE. A imagem que se reproduziu foi a de "um brasileiro improdutivo, doente e ignorante", que seria regenerado por meio da

³³ *Op. Cit*, 1998. p. 21.

educação, pois, ao contrário, representariam o grande entrave ao progresso do país

³⁴.

O Estado dá de graça (de graça é modo de dizer...) luz elétrica, água, escola. Pois dará pelo preço de custo a cada brasileiro o seu modesto rádio, em que ele, descalço, até mesmo roto, empapeirado, amarelo, mole de doença e de ignorância, aprenderá, antes de saber ler, que a preguiça é quase sempre doença, que é preciso plantar o melhor da colheita para obter maior rendimento; que ser soldado não é ser escravo e sim receber instrução e educação, em lugares asseados, dirigidos por patrícios dedicados, fraternalmente, a serviço do país [...]³⁵

2.5 Conclusão

Dentro do contexto, desenvolvido entre as primeiras décadas do século XX, em que a concepção de positivismo tem uma releitura no Brasil voltada para os problemas sociais do País, em que se tornam mais incisivas as buscas nas academias e associações por novas formas de educação distanciando das ideias raciais deterministas, e que a promoção da moral e do trabalho é considerada fundamental para elevar os espíritos, a radiodifusão foi percebida como ferramenta essencial por Roquette-Pinto. O rádio, então pensado, seria o meio eficaz de comunicação a longa distância que levaria cultura e educaria principalmente as populações analfabetas³⁶ ou aquelas com dificuldade de frequentar as escolas. Assim, ele via que, ao modificar a mentalidade dos brasileiros, traria para o País a melhoria nas condições sociais, uma vez que grande parte da população estaria distante do processo de transformação da vida cultural e econômica presentes nas capitais como Rio de Janeiro e São Paulo. Junto a outros intelectuais, estudiosos principalmente das ciências físicas, sociais, e médicas, ele leva a diante seu ideal do rádio para sanar os males do País. O discurso entre eles tinha um enredo semelhante: a educação geraria mais saúde; aquela, por sua vez, mudaria os hábitos da população, que se tornaria mais ativa para o trabalho. Temas como saúde, moral e trabalho foram considerados complementares e importantes quando se tratavam das mudanças sociais. E como todas essas discussões passaram a ser reconhecidas e valorizadas por Roquette-Pinto e introduzidas no cenário da criação

³⁴ Ibid. 1998. p. 41.

³⁵ ROQUETTE-PINTO, 1926. p. 15-16.

³⁶ Em 1920 o número da população alfabetizada era de 7.493.357 e de analfabetos era de 23.142.248. (MONARCHA, 2009, p. 120).

do rádio brasileiro? As influências de outros acadêmicos, de companheiros de trabalho e sua colaboração para instituições brasileiras foram analisadas nesta pesquisa como elementos importantes para a formação das ideias de Roquette-Pinto em relação à fundação do rádio.

3. ROQUETTE-PINTO: INFLUÊNCIAS E DISCUSSÕES SOBRE A RADIODIFUSÃO NO BRASIL

3.1 Roquette-Pinto e as Questões Sociais

Edgard Roquette-Pinto nasceu em 1884, no Rio de Janeiro. Formou-se em Medicina e, em 1905, inclinado para a antropologia, defendeu a tese sobre a prática da medicina entre os índios. Foi nomeado professor assistente de antropologia e etnografia do Museu Nacional, em 1906. Participou da expedição comandada pelo coronel Cândido Mariano Rondon à Serra do Norte (Mato-Grosso), em 1912. Segundo Roquette-Pinto, os levantamentos geográficos e topográficos feitos pelo coronel Cândido Mariano Rondon em sua expedição, iniciada em 1907, recebeu a missão do Governo da República de “ligar à Capital, pelo fio telegráfico, os territórios do Amazonas, do Acre, do Alto Purus e do Alto Juruá, por intermédio da Capital do Mato-Grosso, já em comunicação com o Rio de Janeiro”³⁷. A viagem forneceu a Roquette-Pinto material sobre a vida dos índios nhambiquaras e dos sertanejos da região centro-norte do País para a produção do livro *Rondônia*³⁸, editado em 1917. A interlocução de Roquette-Pinto com Rondon e os fatos extraordinários da viagem influenciaram sua percepção para a questão da saúde dos povos indígenas e ao isolamento da população sertaneja.

“Em minha excursão à Rondônia, em 1912, procurei arquivar esses fenômenos que vão sumindo vertiginosamente. Tentei tirar um instantâneo da situação social, antropológica e etnográfica, dos índios da Serra do Norte, antes que principiasse o trabalho de alteração que nossa cultura vai nela processando [...] Um dia servirão, talvez, para recompor a história desse povo, as indicações registradas neste livro.”³⁹

No livro, Roquette-Pinto expressou o pensamento de que o brasileiro fortaleceria os seus sentimentos patrióticos na medida em que passasse a conhecer a geografia do País, seus costumes, língua, hábitos e valores. Sua expectativa, a

³⁷ ROQUETTE-PINTO, 1934. *Passim*.

³⁸ Roquette-Pinto propõe esse nome para designar a zona compreendida entre os rios Jurema e Madeira, cortada pela “Estrada Rondon”, numa espécie de “província antropogeográfica” de acordo com os elementos geológicos, geográficos, botânicos, zoológicos, antropológicos e etnográficos observados por seu autor. (ROQUETTE-PINTO, 1934, p. 17).

³⁹ *Ibidem*. 1934, p. 19.

qual dispõe na dedicatória de *Rondônia* aos seus filhos, era a de que as informações contidas nas páginas do livro ajudariam a motivar o amor pelo Brasil e “as razões para bem servi-lo. Para ele, a expedição foi um serviço humanitário, tomada por um sentimento de compaixão pelos povos do sertão e pelos povos indígenas, uma “campanha pacificadora daqueles selvagens”. Ao deixar seu “legado” sobre a expedição Rondon, a expectativa de Roquette-Pinto era a de que o País conhecesse mais o brasileiro que vivia em terras distantes, em total falta de comunicação com os limites urbanos. Além de fazer o País conhecer seus povos, com suas lendas, costumes, comidas, línguas, organização, traços físicos, músicas, alimentação, entre outras características destacadas nas páginas de *Rondônia*, esse registro seria mais uma maneira de ampará-los diante de outros aspectos também encontrados: povos indígenas com a saúde comprometida pelas doenças de pele, verminoses, parasitoses e trabalhadores rurais vivendo em estado de servidão disfarçada. A viagem o inspirou para uma leitura da questão da desnacionalização nos países da América do Sul. Para ele, embora trouxesse progresso e riqueza, o tipo de imigração ocorrida em países como o Brasil contribuiu para sua “perturbação política”. Diferente das imigrações presentes na América do Norte, no Brasil, o amor à pátria não correspondia à expectativa de enriquecimento, o que diminuía o sentimento de pertencimento da população ⁴⁰.

Nós, ao contrário, recebemos imigrantes que não vêm satisfazer aqui, na América do Sul, nenhuma preocupação moral. Fazem lembrar garimpeiros, que chegam apressados e labutam com afinco, para sair do meio o mais breve tempo possível.⁴¹

A percepção sobre a união e o reconhecimento das populações brasileiras estiveram entre os os argumentos de Roquette-Pinto sobre as vantagens de se instalar o rádio no Brasil durante a década de 1920.

3.1.1 A visão sobre a falta de saúde e de educação no Brasil

O aeroplano levará o correio ao país todo no dia em que os brasileiros se lembrarem de que uma grande fortaleza custa muito mais que uma dúzia de bons aviões capazes de recortar o céu em busca de povoações perdidas no interior. Sem bom correio, seguro e rápido, não pode haver progresso moral ou material de um povo, em nossos dias. As estradas ligam os núcleos

⁴⁰ *Op. Cit.*, 1934, p. 59-64.

⁴¹ *Op.Cit.*,1934, p. 64.

próximos e concorrem para a formação de grupos solidários, fontes de opinião capazes de pesar nos destinos comuns. O T.S.F{Transmissores Sem Fio}, nesse conjunto, representa papel preponderante de guia diretor, grande fecundador de almas, porque espalha a cultura, as informações, o ensino prático elementar, o civismo, abre campo ao progresso, preparando os tabaréus, despertando em cada qual o desejo de aprender.⁴²

O desenvolvimento dos correios por meio da compra de aviões e da abertura de novas estradas pelo Estado já favoreciam a comunicação entre as populações de diversas regiões brasileiras. Neste contexto, Roquette-Pinto atribuiu ao rádio a ferramenta ideal em função da sua agilidade. O novo meio poderia levar as informações, “o ensino prático elementar” e o civismo a toda população. Roquette-Pinto retoma a questão sobre a dificuldade de comunicação da capital com o interior em função das grandes distâncias entre os estados brasileiros. Atribuía como causa direta o isolamento cultural e social dessas populações em relação às capitais. Quem eram as “povoações perdidas no interior”? Falava-se entre a intelectualidade, principalmente nos anos de 1920, nos quais se inflamam os debates sobre as más condições de vida da população brasileira, em “sertão ínvio e a mata bravia, a brenha, a tapera e o deserto, a gente despatriada e indestina, quase selvagens: ‘Caboclos, caipiras, sertanejos, tabaréus, gaúchos, seringueiros, há uma raça inteira a levantar, civilizar, cultivar e nobilitar’ ”⁴³.

Além disso, o pensamento era de que o isolamento cultural impossibilitava o acesso da população às informações e noções sobre a manutenção da boa saúde, contribuindo para o estado de calamidade pública em muitas regiões. Monarca (2009) explica que essa visão, presente em diagnósticos exibidos por intelectuais como Afrânio Peixoto, José Maria Bello e Miguel Pereira, sofreu ainda forte influência dos relatórios de expedições científicas realizadas no Brasil. Isso contribuiu para reforçar a ideia de tragédia vivida pelas populações isoladas do País. Para ele, tudo leva a crer que os diagnósticos foram influenciados pela expedição realizada, em 1912, por médicos sanitaristas como Belisário Penna e Artur Neiva. O relatório da expedição Viagem científica pelo norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goiás, designada por Oswaldo Cruz à Penna e Neiva, descrevia um ambiente pessimista. Deformidades físicas e mentais causadas pelas doenças endêmicas, o bócio, ao lado da leishmaniose, tuberculose, sífilis, disenterias, ancilostomíase, malária e febre

⁴² ROQUETTE-PINTO, 1926. p. 15-16.

⁴³ MONARCA, 2009. p. 91-107.

amarela eram ressaltadas. Em seu discurso na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1916, Miguel Pereira, expõe suas percepções sobre a situação dos brasileiros: “Fora do Rio ou de São Paulo, capitais mais ou menos saneadas, e de algumas outras cidades em que a providência superintende a higiene, o Brasil é ainda um imenso hospital”.⁴⁴

Outro pensamento correlacionava a falta de saúde e dificuldade de aprendizado de grande parte da população brasileira com a ocorrência de miscigenação. Neste ponto, Roquette-Pinto mostrou-se contrário às ideias que consideravam o cruzamento entre raças como determinante para julgar o destino dos povos. Sua explicação era que havia mérito para uma população, que mesmo fraca e doente, desbravou terrenos inférteis, abrindo caminhos, de norte a sul do País. Para ele, a superação dessas dificuldades ia de encontro às expectativas divulgadas por teorias que viam os mestiços como raças inferiores.

Pequenos e magros, enfermos e inestéticos, fortes todavia, foram eles conquistando as terras ásperas por onde hoje se desdobra o caminho enorme que une o Norte ao Sul do Brasil, como um laço apocalíptico, amarrando os extremos da pátria. É preciso ir lá para retemperar a confiança nos destinos da raça, e voltar desmentindo os pregoeiros da sua decadência. Não é, nem pode ser nação involuída, a quem tem meia dúzia de filhos capazes de tais heroísmos.⁴⁵

A visão de regeneração da população brasileira teve origem em um pensamento que valorizava o aperfeiçoamento da espécie humana, reconhecido pelo termo eugenia⁴⁶. Para melhor compreender o movimento eugenista no Brasil é preciso considerar que o fator de degeneração do povo brasileiro, como também as saídas para sua regeneração, foi visto diferentemente. O pensamento sobre eugenia entre os intelectuais da época não era homogêneo, partindo de teorias científicas diferenciadas baseadas, principalmente, no neolamarckismo e no mendelismo, além de outras teorias da hereditariedade, que as questões de raça e identidade nacional estavam interligadas. Para intelectuais como Roquette-Pinto, Fróes da Fonseca,

⁴⁴ Id.

⁴⁵ ROQUETTE-PINTO, 1934. p.12.

⁴⁶ Segundo Rocha (2010), o termo eugenia é retomado no século XIX com o desenvolvimento da teoria evolucionista e sistematizado, enquanto movimento eugênico moderno, por Francis Galton, extremamente influenciado pela obra de Darwin. “No início do século XX, vários países aderiram a este movimento em prol do aperfeiçoamento da espécie humana. De modo geral, a ciência eugênica e o movimento da eugenia foram influenciados não apenas pelas ideias de Darwin, mas também pelas ideias de Malthus, Lamarck, Mendel, August Weismann, Morgan, Auguste Forel, Karl Pearson, Charles Davenport e outros”. (ROCHA, 2010).

Belisário Penna, Fernando Magalhães, Miguel de Osório o fator de degeneração da população tinha uma causa social, ou seja, era percebido sob a ótica do saneamento e da saúde pública – a pobreza, as doenças, os vícios e os desvios de comportamento contribuíam para a decadência da população –, ideias que se devem à relação do movimento eugenista com o movimento higienista na primeira metade do século XX. Outros estudiosos como Renato Kehl, A. J. de Azevedo Amaral, Oscar Fontenelle, Xavier de Oliveira, Miguel Couto, João Batista Lacerda, Oliveira Vianna acreditavam que o fator determinante era a raça.⁴⁷

Na passagem de um dos seus livros, *Ensaio Brasileiro*, 1940, Roquette-Pinto registrou como importante a dedicação de naturalistas para o enriquecimento dos estudos antropológicos. A pesquisa do naturalista canadense, Charles Frederic Hartt⁴⁸, foi citada por ele como rica em informações que ajudaram nos estudos de intelectuais “preocupados com os problemas antropológicos do Brasil”. Reproduziu as seguintes observações feitas pelo naturalista sobre o estado do Espírito Santo, em 1857, como exemplo do que considerava um bom pensamento em relação ao povo brasileiro:

Santa Leopoldina, no Espírito Santo, como São Bernardo, em São Paulo acabaram na desmoralização e penúria, por causa da pobreza das terras, da falta de comunicações e principalmente por causa das doenças. Quando as condições do meio são precárias, falham todas as raças. Os males da raça, disse e repito, são males da fome e da miséria. Com essas duas tristes companheiras, falham os alemães, os brasileiros e outros quaisquer mais pintados.⁴⁹

Teóricos como Miguel Couto acreditavam no melhoramento da raça tendo como base leis biológicas, desaconselhando os cruzamentos e defendendo o povoamento do país a partir da imigração europeia. Contrário a ele nessa questão, Roquette-Pinto dizia: “O Brasil não precisa de braços, mas precisa de gente que lhe traga ensino e cultura para que ele saiba, afinal, aproveitar os maravilhosos braços que tem”.⁵⁰

⁴⁷ Ver em: ROCHA, 2010

⁴⁸ Naturalista canadense dedicado aos estudos do Brasil, passando pelas áreas de conhecimento da geologia, paleontologia e mineralogia do país. Entre os assuntos de que tratam suas publicações, agrupadas em um Boletim, em 1928, está o capítulo que trata do estado do Espírito Santo e a citação sobre a colônia Santa Leopoldina. Hartt passou a fazer parte do quadro de professores do Museu Nacional em 1876, 30 anos antes de Roquette-Pinto entrar para a instituição. Faleceu em 1878. Ver em: ROQUETTE-PINTO, 1940, p. 108-121.

⁴⁹ ROQUETTE-PINTO, 1940. p. 115-116.

⁵⁰ Idem. 1940, p. 105- 106.

Para ele, o livro “A América Latina”, escrito por Manoel Bonfim, estudioso da história natural e fundador da psicologia experimental no País, foi outra contribuição significativa para elucidar muitas das questões sobre a formação da população brasileira.

A Nação Brasileira é um produto de mistura, num grau tal, por tantos séculos, que da nossa visão de progresso e grandeza social deve ser afastado todo anelo e toda a preocupação de pureza, negativa e dissolvente. Se há absoluta inferioridade das raças; se o cruzamento ainda acentua tais inferioridades; então resignemo-nos a ceder a terra a outros, onde possa haver pureza de sangue, porque no Brasil que aí existe, no Brasil tradicional, efetivo e real, desde seus primeiros anos até hoje, o povo – a realidade mesmo da nação, é mistura, já agora indestrinçável, mistura que poderá realizar um novo tipo etnográfico, um produto estável, mas que jamais será um tipo branco de relativa pureza – um tipo ariano, no dizer pretensioso dos que se aprazem em arremedar a ciência.⁵¹ (*Apud*, ROQUETTE-PINTO)

Num momento em que as teorias sobre raças estavam sendo verificadas, muitas dessas explicações, de certa forma, seriam uma resposta aos sentimentos angustiantes de condenar o Brasil a uma nação falida, uma vez que grande parte de sua população era mestiça.

3.2 Roquette-Pinto e Algumas Influências na Sua Formação

Roquette-Pinto se mostrou como um homem da ciência que não só propunha ideias, mas também as colocava em prática. Mesmo não sendo especialista em rádio nem cinema, foi um idealizador de como utilizá-los para melhorar a educação no País. A aproximação do espírito prático com a diversidade de influências sob seu trabalho ajudou na percepção sobre o desenvolvimento da Rádio Sociedade.

Desde sua experiência entre os índios e sertanejos do Brasil-Central durante a expedição Rondon, em 1912, Roquette-Pinto acreditava que as doenças, o isolamento e analfabetismo eram as principais causas do grande atraso dos brasileiros. Seu pensamento não relacionava o estado crítico de grande parte da população no país com o assunto sobre sua miscigenação. A razão eram as doenças, as quais precisavam ser combatidas como também evitadas por meio da divulgação do conhecimento sobre higiene pessoal e iniciativas sanitaristas. A Rádio

⁵¹ *Op. Cit.*, 1940, p. 93.

Sociedade apoiou as campanhas de ligas e órgãos governamentais destinados a combater as principais moléstias da população como também transmitir algumas palestras sobre saúde, educação sanitária e física. Foram divulgadas por meio da rádio informações vindas da Liga Brasileira de Higiene Mental⁵², da Diretoria do Saneamento Rural do Distrito Federal⁵³, do Departamento de Educação do Distrito Federal⁵⁴, do Departamento Nacional de Saúde Pública⁵⁵ e do Serviço de Propaganda e Educação Sanitária⁵⁶. Os assuntos como higiene e saúde ainda fizeram parte dos temas tratados nos cursos e palestras transmitidos pela Rádio Sociedade⁵⁷.

Entre as décadas de 1910 a 1930, havia um grande esforço da intelectualidade em defender a melhoria da educação como maneira de contribuir para o crescimento econômico, o aumento do sentimento de unidade nacional e saúde da população. Do mesmo modo que Roquette-Pinto, muitos intelectuais entenderam a educação como a forma de mudar a realidade de pobreza, abandono e doenças no País, mas também participaram ao seu lado para a consistência de seus ideais na Rádio Sociedade. Apenas o trabalho, do qual deveriam participar os intelectuais e o Estado, de transformação da mentalidade do povo brasileiro por meio da educação – e aí inclui dizer educação em saúde – levaria o País a uma mudança verdadeira.

[...] o Brasil não é de fato o país mais rico do mundo, mas que pode vir a ser facilmente, se seus filhos souberem tirar da terra tudo que ela pode dar; que os povos fortes são hoje em dia os povos que sabem aplicar a ciência e a arte em melhorar pessoas e coisas...

A Arte e a ciência são vistas por Roquette-Pinto como importantes para formação cultural da população brasileira. Em seus discursos, permeados pelo debate social que chamava a atenção para os problemas da falta de saúde e

⁵² FIOCRUZ. Imagem 1788. Disponível em:

<<http://www.fiocruz.br/radiosociedade/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=41>>.

⁵³ FIOCRUZ. Imagem 3685. Disponível em:

<<http://www.fiocruz.br/radiosociedade/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=41>>.

⁵⁴ FIOCRUZ. Imagem 5178 Disponível em:

<<http://www.fiocruz.br/radiosociedade/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=41>>.

⁵⁵ FIOCRUZ. Imagem 2908, 2097, 3921. Disponível em:

<<http://www.fiocruz.br/radiosociedade/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=41>>.

⁵⁶ FIOCRUZ. Imagem 3717. Disponível em:

<<http://www.fiocruz.br/radiosociedade/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=41>>.

⁵⁷ FIOCRUZ. Revista *Electron*. Disponível em:

<<http://www.fiocruz.br/radiosociedade/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=61>>.

educação da população, esses dois campos constituíram o ideal de educar vislumbrado por Roquette-Pinto durante todas suas iniciativas, inclusive a que diz respeito ao uso do rádio no Brasil.

A nossa percepção sobre as influências que se apresentaram na vida e obra de Roquette-Pinto foi enriquecida pela perspectiva de Venâncio Filho (2008) em relação à construção de um caráter humanista científico. Os cursos de humanidade concluídos no Externato Aquino, em 1900, os indícios do impacto que a obra de Euclides da Cunha, *Os Sertões*, em 1902, e as influências de pensadores como Augusto Comte e Goethe são vistos por Venâncio Filho (2008) como responsáveis na formação intelectual de Roquette-Pinto. No livro *Seixos Rolados*, Roquette-Pinto exalta o espírito humanista de Euclides da Cunha, considerando sua obra como exemplo de ciência e fé, prova de um homem que “andava no mundo com os olhos abertos para ver os movimentos e as expressões do homem”. Em Goethe, Roquette-Pinto via ciência e poesia como compatíveis. Eram constituídas pelos mesmos processos lógicos e ambas tinham a função de destruir preconceitos dando lugar a uma preocupação humanista. Venâncio Filho explica que o Humanismo, entendido historicamente como movimento intelectual e literário, pode ser definido como um conjunto de tendências de caráter filosófico, que, durante o Renascimento Italiano dos séculos XIV e XV, orientou-se no sentido de reviver e imitar os modelos artísticos, literários e científicos da Antiguidade greco-latina, considerada como exemplo de afirmação da independência do espírito humano. No entanto, o humanismo que define o espírito de Roque-Pinto tem outro significado, expresso na *Enciclopedie*, no século XVIII: “sentimento de benevolência para todos os homens, que só se inflama em uma alma grande e sensível”.⁵⁸

A influência do positivismo em Roquette-Pinto e sua admiração por Augusto Comte refletiram em suas crenças no poder das ciências como elemento fundamental à vida humana como também as aspirações por novo modo de vida social e política. Sua percepção é consequência da transformação, no Brasil, da visão científica do mundo, presente na obra de Augusto Comte e sua escola para uma ‘regra de moralidade individual, política e administrativa’⁵⁹

⁵⁸ VENÂNCIO FILHO, 2008. p. 39.56.

⁵⁹ LIMA; MIRANDA DE SÁ, 2008. p. 76

3.3 A radiodifusão e a Educação do Povo

Ao redigir o artigo Rádio e Educação, Roquette-Pinto nos fez identificar importantes pistas de como ele via a contribuição da radiodifusão para a educação da população brasileira, demonstrando várias expectativas sobre como seria uma importante ferramenta no processo. Alguns trechos do artigo foram escolhidos em função de mostrar como ele vislumbrava a utilização do rádio como o meio principal para “educar o povo”, embora o texto tenha sido publicado três anos após a criação, por ele, da primeira rádio brasileira.

A consciência coletiva já se deu conta de que todos os males do País não podem ser curados nem com o voto secreto, nem com a organização dos partidos, nem com o serviço militar obrigatório, nem com a reforma da Constituição, nem com o protecionismo às indústrias, nem com a reforma do ensino, nem com a quinina do Estado, nem com a imigração européia. Na consciência dos estudiosos, calmos afastados de quaisquer posições de mando, todos aqueles remédios seriam excelentes, misturados ou separados, se a massa geral do povo estivesse em condições de votar com segurança, não fugir ao dever cívico, obedecer à autoridade e à lei, trabalhar e produzir, sem se deixar explorar, não renegar o que a ciência ensina para combater as doenças, receber o estrangeiro mais adiantado, e aprender com ele. O povo do Brasil não está, porém, em condições de tirar partido daqueles excelentes meios de aperfeiçoamento. Não está, porque não entende a linguagem que lhe falam. É preciso não conhecer um palmo de roça para crer que as populações aceitarão e executarão qualquer daquelas grandes medidas, indiscutivelmente úteis à grandeza do país.⁶⁰

Para ele, “educar o povo” era um ideal compartilhado não só com outras pessoas preocupadas com o desenvolvimento da nação como também um assunto falado por toda parte e em todos os meios.⁶¹

Era tão necessário, que qualquer outra iniciativa anterior, para o desenvolvimento do Brasil, seria frustrada.

Disse uma vez e repito: gaste o governo quanto quiser para sanear o povo, sem instrução poderá curar algumas centenas de impaludados e opilados, mas não acabará com o impaludismo e com a opilação. Funcionem escolas técnicas nos quatro cantos do país, sem educação prévia do povo, não terão discípulos em número suficiente. Sem educação popular, o próprio sorteio militar é o que se vê: o rol dos que não se apresentam é simplesmente desolador.⁶²

⁶⁰ Id.

⁶¹ ROQUETTE-PINTO, 1926. p. 15-16.

⁶² FIOCRUZ, Revista Rádio, 1924, n. 19, p. 10. Disponível em:

<<http://www.fiocruz.br/radiosociedade/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=61>>.

E quem era o povo que ele queria educar? Entendemos que Roquette-Pinto mencionava a palavra “povo” para representar diferentes populações. A palavra era relacionada às populações com pouca escolaridade ou analfabetas moradoras das capitais; às populações do interior do Brasil, usando para designá-las termos como trabalhadores rurais, sertanejos, caipiras (tabaréus); aos jovens estudantes e às populações indígenas. Embora a palavra povo fosse muitas vezes utilizada de forma genérica, envolvendo toda a população brasileira, independente da escolaridade e região do País, houve uma ênfase maior para as questões das populações sertanejas e indígenas.

A noção de Roquette-Pinto era que as informações que chegavam à população ainda eram insuficientes para provocar grandes mudanças sociais. Mas se fosse possível colocá-las ao alcance de todos, muitos sairiam do seu estágio de ignorância, passando a compreender melhor quaisquer que fossem as mudanças para a qualidade de vida. O conhecimento daria condições ao povo de socializar com o modo dos habitantes das capitais, modificando a relação com o trabalho, a saúde e com as obrigações cívicas. Do contrário, “a massa geral do povo” permaneceria sem condições, entre outras coisas, de cumprir com seus direitos e deveres e de aprender como evitar as doenças. Seria uma iniciativa pública prioritária.

O que levaria a informação de forma fácil e acessível? Roquette-Pinto via no rádio a vantagem de ser ágil e democrático. Pois um único aparelho radiofônico atrairia grupos de pessoas para ouvir as transmissões e essas seriam recebidas em diversos locais, inclusive em isoladas dos grandes centros urbanos.

Creio que o Brasil tem hoje, cerca de trinta mil lares providos de aparelhos receptores. Cada receptor serve, em média, a meia dúzia de pessoas. Porque, no interior, pelas provas que possuo, cada alto-falante é rodeado pela população da Villa ou da fazenda. Há, portanto, umas cento e cinquenta mil pessoas que ouvem diariamente as nossas lições e conferências, músicas, história do Brasil, higiene, conselhos úteis à agricultura, notícias cambiais e comerciais, notas de ciências etc.⁶³

Segundo publicou a Revista Nacional de Educação em 1933⁶⁴, a população brasileira era composta por 40.272.000 habitantes, em 1930. Se levarmos

⁶³ ROQUETTE-PINTO, 1926. p. 15-16.

⁶⁴ Durante o ano de 1933, a Revista Nacional de Educação, no final, na parte interna da capa publicou dados numéricos do Brasil, entre eles o da população. Dados encontrados na própria Revista, acervo pessoal Catarina Capella, gentilmente cedido para este trabalho.

em consideração que a estimativa de Roquette-Pinto estivesse correta, calcula-se que 150 mil representavam 0,4% da população que ouvia as transmissões de rádio. Mesmo que ainda fosse uma minoria que escutasse rádio, a expectativa era de que esse número aumentasse devido às facilidades para a recepção das informações

Dessa maneira, diante das questões referentes à dificuldade de localização das populações isoladas, do tratamento e prevenção de doenças e da baixa escolaridade dos brasileiros, Roquette-Pinto via a educação como forma de reverter o quadro decadente no País. Mas qual educação? Ele a buscaria na divulgação da ciência produzida nas academias e instituições de pesquisa? Ou era uma educação que estava ligada aos currículos escolares? Ou uma educação ligada à cultura? A partir do rádio, fruto do desenvolvimento da ciência e da tecnologia, o País sofreria uma grande mudança cultural, social e econômica, já que as ideias e as informações circulariam de forma rápida e por muitos lugares.

Entre as condições que dificultam o progresso no Brasil cita-se a grande extensão territorial. É uma verdade. Caminham lentamente as utilidades e mais lentamente caminham as ideias, tudo por culpa das distâncias sem limites. No entanto, para nós brasileiros, a ciência vai cada vez mais transformando aqueles valores, alterando o efeito prático na extensão territorial como elemento antagonista [...] A velocidade atual nas comunicações deu o seguinte resultado: praticamente, para as comunicações – de onde depende o surto da ciência, da arte, da indústria – é como se o Pará tivesse mudado para as alturas da Bahia. Encurta-se, assim, o território no interesse do progresso espiritual e prático⁶⁵.

O rádio atuaria para alcançar as populações abandonadas. Para ele, antes do rádio, ainda não se tinha criado algo que mudasse realmente o cenário brasileiro de isolamento cultural, pobreza e assolado por doenças. Encurtaria as grandes distâncias entre os estados brasileiros, uma vez que por meio dos milhares de aparelhos de rádio adquiridos, a população receberia informações e atualizariam suas ideias. Esperava-se que os saberes transmitidos pelo rádio despertariam o desejo de aprender, à medida que fossem repetidos diariamente. Era o início do “desbravamento intelectual e moral” da população.

Há um trabalho de desbravamento intelectual e moral a realizar antes daquilo tudo. É obra da educação inicial que hoje, felizmente, pode ser feito em condições muito favoráveis. Essa grande empresa depende do telefone sem fios, do aeroplano e das estradas de rodagem.⁶⁶

⁶⁵ ROQUETTE-PINTO, 1932. p. 1.

⁶⁶ ROQUETTE-PINTO, 1926. p. 15-16.

O rádio, por meio da difusão de saberes, promoveria uma espécie de “educação inicial” de todos os brasileiros. Mas o que Roquette-Pinto queria dizer com “educação inicial”? Voltamos a pergunta: seria um compartilhamento de que tipo de informações? Científicas, técnicas, culturais, cívicas, provenientes dos currículos escolares?

4. A RÁDIO SOCIEDADE DO RIO DE JANEIRO

4.1 Metodologia

Temos hoje no campo da pesquisa histórica a possibilidade de acesso a documentos em acervos digitalizados e disponíveis na internet. A organização e a publicação e sites por instituições de ensino e pesquisa, destinados a tornar disponíveis acervos de diversas áreas do conhecimento, têm facilitado o trabalho de consulta para muitos pesquisadores. Conscientes da importância da divulgação dos acervos para a pesquisa, as Fundações de Amparo à Pesquisa – FAPs e outras agências de fomento têm investido na criação de sítios de consulta a uma infinidade de documentos que antes eram encontrados apenas em bibliotecas físicas. Por isso, é necessário que os trabalhos acadêmicos, como este, que se utilizam desse tipo de fonte, façam um esforço para explicar todo o processo. Neste sentido é que participaremos o leitor de todo o trabalho realizado com os documentos antes de utilizá-los como fontes para nossa pesquisa.

O interesse pelo trabalho de Roquette-Pinto surgia na medida em que suas ações como divulgador científico tinham uma interlocução com a educação. Pesquisas acadêmicas, coletâneas de artigos escritos por historiadores, comunicadores e pesquisadores sobre Roquette-Pinto e textos escritos pelo próprio pesquisado nos chamaram atenção sobre uma possível leitura de suas ações no campo da história da educação. Pesquisamos na historiografia da educação e vimos que suas iniciativas não passavam por estudos sobre modelos educativos no País. No entanto, ao pesquisarmos o trabalho de Roquette-Pinto no campo da comunicação e da ciência, o tema sobre a educação da população brasileira ressurgia. Então, tivemos a primeira dúvida diante das fontes bibliográficas estudadas: onde estariam presentes as ações de Roquette-Pinto voltadas para a educação da população brasileira? Na história do rádio, na divulgação de ciências e do cinema a educação estava lá como tema constante para ele. Entendemos que suas iniciativas voltadas para a educação não estavam ligadas diretamente ao ensino formal. Então, decidimos investigar as iniciativas de Roquette-Pinto, focando em uma experiência ligada à educação não formal. Por isso, suas ações na primeira rádio brasileira, a Rádio Sociedade, apontou-nos como um importante objeto de

pesquisa, considerando-a ainda como parte de um momento histórico em que práticas e ideias sobre educação estavam sendo ressignificadas. Dessa maneira, a forma como Roquette-Pinto promovia a educação nessa rádio nos contaria, por outro viés, mais sobre o contexto voltado para a educação, entre as primeiras décadas do século XX, e antes abordado de outros pontos de vista pela historiografia da educação. “Em suma, nunca se explica plenamente um fenômeno histórico fora do estudo de seu momento. O provérbio árabe disse antes de nós: ‘os homens se parecem mais com sua época do que com seus pais’ ”⁶⁷.

Após a escolha pela rádio, tivemos em mãos um universo de 5.034 imagens gravadas em um DVD e cedidas pela coordenadora do projeto do site sobre a Rádio Sociedade, produzido pela Casa da Ciência/FIOCRUZ. Essas imagens correspondem a cartas, bilhetes, telegramas, cartões de visitas, revistas, ofícios, atas de reuniões, anotações sobre listas de associados, colaboradores, anunciantes das programações. Diante de tantos documentos, filtramos ainda mais onde focaríamos nossa pesquisa: como eram essas iniciativas? como funcionava a Rádio Sociedade? como era a relação com o público? onde teríamos chances de compreender melhor essas questões? Escolhemos, então, como primeira medida, separar as cartas enviadas e recebidas por Roquette-Pinto. No decorrer desse trabalho de separação, o material digitalizado pela equipe do site foi publicado na internet pela Casa da Ciência/ FIOCRUZ. Isso facilitou a escolha das cartas de interesse, uma vez que o sistema permitiu separar 700 cartas enviadas e recebidas ao buscar pela palavra “Roquette-Pinto”. Dessas imagens, setenta correspondiam às cartas de Roquette-Pinto em resposta ao seu público ou em solicitação a órgãos públicos. Essa seleção fechou mais ainda nosso foco em relação ao objeto da pesquisa, uma vez que concentramos a atenção nas 700 cartas, buscando pistas e tendo em mente as perguntas anteriores, quando tínhamos um universo maior de documentos.

O site da FIOCRUZ tratou as cartas identificando-as pelo ano, autor, destinatário, número da imagem e assunto principal; organizou em temas como **Rádio e Ciência, Programação** – O que você quer ouvir, Músicas, Notícias, Ciência e Educação, Para pequeninos, Futebol –, **Cartas** - A RS e seu público, A recepção

⁶⁷ BLOCH, 2001. p. 60.

da RS, Anuncie na RS, A cultura do rádio no Brasil, A sociedade em transformação, Pérolas do acervo, **Acervo, Revistas, Jornais e Radio-bastidores**.

A divisão do acervo nos ajudou na construção do texto sobre como retrataríamos a Rádio Sociedade. Portanto, o leitor encontrará semelhanças em explicações sobre como ela funcionava, como o público respondia, como Roquette-Pinto se relacionava com seus sócios e ouvintes. As cartas inseridas neste trabalho foram inicialmente apresentadas, de maneira próxima ao site, por meio da descrição do assunto, da citação do destinatário ou remetente, das datas, como foi feito pelo site, e cresce para a sua análise. Ao nos posicionarmos criticamente em relação à informação que nos fornecia o documento, procuramos desvincular do “puro e simples fingimento até o erro inteiramente voluntário”⁶⁸ das fontes. Fizemos, ainda, o esforço de comparar a mesma informação fornecida por outro tipo de fonte como modo de explorar melhor os documentos. Assim, por vezes complementamos como também comparamos as informações apontadas nas cartas com outras publicadas pelas revistas *Rádio* (com apenas algumas partes disponíveis) e *Electron* (23 números correspondentes ao ano de 1926 foram disponibilizados). Ainda com a mesma função, trouxemos para esta pesquisa alguns trechos de jornais, que também compõem o acervo da Rádio Sociedade no site da FIOCRUZ e revistas não pertencentes ao acervo digital. Essas fontes enriqueceram nosso trabalho, ajudando na análise das cartas e a compreender melhor o contexto histórico. A crítica às fontes também nos serviu para evitar que percepções sobre os documentos fornecidas pela equipe de profissionais responsáveis pela produção do site interferissem nas análises do pesquisador.

Outra questão que mereceu nosso cuidado foi a de que o acervo digital possivelmente teria sofrido uma seleção intencional em relação ao acervo físico da Rádio Sociedade. O acesso ao acervo físico permitiria avançar em algumas análises que os documentos disponíveis no site não possibilitaram. No entanto, ao deslocarmos para a Rádio MEC, na cidade do Rio de Janeiro, local em que os documentos se encontravam – em grande parte, no seu departamento de Pesquisa e, em menor concentração na Sociedade dos Amigos Ouvintes da Rádio MEC–, recebemos a resposta de que todo o acervo estava disponível na internet e passando por um tratamento específico para sua conservação. Ainda assim

⁶⁸ BLOCH, 2001. p. 102.

encontramos alguns registros sobre a Rádio Sociedade em uma edição do informativo da SOAMERC, um livro sobre a história da rádio e cópias de ofícios trocados entre o governo e Roquette-Pinto para a doação da Rádio Sociedade ao Ministério da Educação, em 1936. No entanto, não havia nenhuma edição a mais das revistas produzidas pela equipe nem fitas contendo o registro fonográfico das produções radiofônicas da Rádio Sociedade. Os possíveis motivos das perdas das fontes fonográficas iam desde a contenção de gastos, obrigando os funcionários a reutilizarem as fitas até o desconhecimento do seu valor histórico.

As melhores pistas oferecidas foram encontradas no acervo digital da Rádio Sociedade e utilizadas nesta pesquisa, como algumas solicitações e impressões dos ouvintes e respostas de Roquette-Pinto, artigos de jornais e das revistas da rádio, solicitações de artistas, colaboradores, possibilitando o trabalho das diferentes ideias sobre a radiodifusão relacionadas à educação no Brasil.

4.2 O Desenvolvimento da Rádio Sociedade

Roquette-Pinto, vislumbrando o apoio de Henrique Morize, à época presidente da Academia Brasileira de Ciências (ABC), apresentou, em 1923, suas ideias para a criação de uma rádio educadora do Brasil. Henrique Morize, que se tornara um homem de grande prestígio social e científico, segundo Roquette-Pinto, aprovou o plano idealizado⁶⁹. Junto com Roquette-Pinto e os colegas da ABC, ele participou ativamente da campanha a favor do rádio no Brasil, negociando com o governo republicano a liberação do uso do rádio por todos no país, até então liberada apenas para fins militares e científicos. As campanhas em favor da criação de uma estação de rádio no Brasil tiveram um efeito positivo terminando com a fundação, em 20 de abril de 1923⁷⁰, da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro.

A primeira rádio nacional teve seu Conselho Diretor formado por Henrique Morize (presidente), Roquette-Pinto (Secretário), Demócrito Lartigau Seabra (tesoureiro), Carlos Guinle, Luiz Betim Paes Leme, Álvaro Ozório de Almeida, Francisco Lafayete, Mário de Souza e Ângelo M. da Costa Lima. A Rádio Sociedade

⁶⁹ Catedrático da Escola Politécnica do Rio de Janeiro, o físico Henrique Morize se destacou em suas atividades como diretor do Observatório Astronômico do Rio de Janeiro como também fundador e presidente da Academia Brasileira de Ciências. Cf VIDEIRA, 2003.

⁷⁰ A Pátria, 1925. Disponível em: <http://www.fiocruz.br/radiosociedade/media/J_AP_1925-04-19_A-TSF-no-Brasil_%28LR-p44%29.jpg>.

funcionou na Escola Politécnica do Rio de Janeiro até 1924, de onde foi transferida para o antigo Pavilhão Tchecoslovaco, da Exposição Nacional do Centenário. No relatório da rádio relativo ao triênio 1923-1926, vimos que seu Conselho Diretor continua o mesmo. Além disso, são apresentados os seguintes colaboradores da parte “propriamente instrutiva”: Maria Velozo (francês), Antenor Nascentes e José Oiticica (português), Odilon Portinho (geografia), João Ribeiro e Marcos Batista dos Santos (história), Sebastião Barros (higiene), Alberto José de Sampaio (silvicultura), Luiz Eugênio de Moraes Costa (inglês), Mário Saraiva e Custódio José da Silva (química), Mello Leitão (história natural) e Francisco Venâncio (física).⁷¹

Considerado baixo o custo para uma pessoa se tornar sócia da Rádio Sociedade como também adquirir um aparelho⁷², ouvintes de diferentes classes sociais poderiam ter acesso às transmissões radiofônicas.

O TSF presta-se a ser recebido com aparelhos baratíssimos, de preço quase inacreditável; e pode-se dizer que o amador abastado dono de um receptor que lhe custou 500\$ ou 2 contos, receberá de mais longe e mais forte, mas não ouve mais apagamamente do que o humilde operário ou jovem estudante que organizou seu posto com magros 50 ou 100 mil réis [...] O material indispensável é o seguinte: 1 antena, 1 bobina de self indução, 1 detector, 1 fone [...] Como todo membro da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro é um respeitador da lei e da autoridade, claro é que antes de mais nada requereu ao Sr. Ministro da Aviação a devida licença.⁷³

Em 1931, de acordo com o relatório que prestava contas daquela diretoria e deixava o compromisso para a próxima a ser eleita por mais quatro anos⁷⁴, a Rádio Sociedade havia transmitido 221 palestras e lições científicas, literárias ou artísticas, 309 concertos, entre música clássica, popular e regional, 22 transmissões externas de outros órgãos públicos e associações.

Alguns documentos nos possibilitaram enxergar boa parte do dia a dia da Rádio Sociedade e de como Roquette-Pinto fazia para levar ao povo os conhecimentos que ele julgava essenciais à vida na sociedade brasileira. Roquette-Pinto enxergava a rádio como potência transformadora de uma sociedade carente de conhecimentos e desnacionalizada. E para que essa mudança acontecesse, ele

⁷¹ ROQUETTE-PINTO, 1926. p. 15-16.

⁷² Tornar sócio da Rádio Sociedade e de outras rádios era como hoje nos tornamos clientes de assinaturas de Tv a Cabo, Internet, entretanto o controle de se ter um aparelho em casa era feito pelo Ministério da Viação após uma carta de solicitação.

⁷³ Gazeta de Notícias, 1923, Disponível em:

<http://www.fiocruz.br/radiosociedade/media/J_GN_1923-05-11_Radiophonia.jpg>.

⁷⁴ FIOCRUZ. Imagens 3598 / 3599, Disponível em:

<<http://www.fiocruz.br/radiosociedade/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=41>>.

considerou uma série de iniciativas que vão desde a escolha da programação até a manutenção de toda a estrutura necessária para manter a Rádio Sociedade funcionando.

Manterá para seus sócios uma biblioteca, um laboratório e uma estação de radiofonia, que diariamente espalhará por grande parte do território nacional informações científicas, conferências literárias, poesia e a música [...] Para realizar o programa, a Rádio Sociedade espera o apoio de todas as pessoas idôneas que se interessam pela cultura científica, literária ou artística no Brasil.⁷⁵

A Rádio Sociedade tinha uma programação fixa em que eram transmitidas informações científicas e técnicas por meio dos cursos da rádio, conferência literária, poesia e a música⁷⁶. A programação era divulgada quinzenalmente nas revistas criadas pela própria equipe da Rádio Sociedade; eram elas a revista Rádio (1924) e, mais tarde, a *Electron* (1926)⁷⁷. A disponibilização de um laboratório e de uma biblioteca dentro da estrutura da própria Rádio Sociedade também era oferecida aos sócios como parte de seu caráter educativo.

As revistas *Electron* e Rádio foram criadas pela Rádio Sociedade para divulgar sua programação⁷⁸ e estimular a existência de outras rádios no Brasil. As revistas publicavam textos sobre biografias, literatura, técnicas agrícolas, normas e técnicas para a montagem de um aparelho de rádio, astronomia, saúde, higiene, física, ciências naturais como também notícias nacionais e internacionais, partituras, crônicas e curiosidades. Os temas escolhidos para a publicação nas revistas eram semelhantes aos transmitidos durante a programação da Rádio Sociedade, e sempre demonstrando a intenção de educar a população. Além disso, a revista *Electron*, do número 1 ao número 10 do ano de 1926, publicou o resumo de todos os cursos irradiados pela Rádio Sociedade. A partir do número 10 passaram a constar apenas os temas e os palestrantes, sem nenhuma referência ao conteúdo como eram redigidos anteriormente. A partir do n.º 11, a revista emite um comunicado de que a não haverá mais a publicação dos resumos. Assim, a menção aos cursos ficou restrita à divulgação na página que informa a programação fixa quinzenal.

⁷⁵, Revista Rádio, FIOCRUZ nº 16, 1924, em: <http://www.fiocruz.br/radiosociedade/media/Radio_1%2816%29.pdf>.

⁷⁶ Id.

⁷⁷ Aparentemente a revista *Electon* substituiu a revista *Rádio*, mas não obtive essas informações em nenhuma parte da documentação e nem na bibliografia utilizada. Disponível em: <<http://www.fiocruz.br/radiosociedade/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?tpl=home>>.

⁷⁸ Ver em: <<http://www.fiocruz.br/radiosociedade/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=61>>.

A revista Rádio conservava em suas edições, ao lado direito superior da página intitulada Notas e Opiniões, a reprodução da citação de Roquette-Pinto proferida durante a sessão inaugural da Rádio Sociedade:

Todos os lares espalhados pelo imenso território do Brasil receberão livremente o conforto moral da ciência e da arte; a paz será realidade definitiva entre as nações. Tudo isso há de ser o milagre das ondas misteriosas que transportam no espaço, silenciosamente, as harmonias.⁷⁹

Além dos cursos, das palestras e conferências, a Rádio Sociedade contribuiu com a divulgação de atividades realizadas por instituições. Exemplos disso foram as transmissões das campanhas de saúde realizadas pelo Departamento Nacional de Saúde Pública, das diferentes palestras proferidas pela Sociedade de Assistência aos Lázaros e Defesa contra a Lepra, das previsões de tempo produzidas pelos técnicos do Serviço de Meteorologia do Ministério da Agricultura, da festa em homenagem à Independência realizada pelo Rotary Club do Rio de Janeiro, da Festa dos Pássaros realizada em Paquetá, da conferência realizada pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro⁸⁰.

Embora tenha sido cogitada a dúvida sobre a existência da Rádio Sociedade para fins exclusivamente de divulgação científica⁸¹, Roquette-Pinto também buscou mostrar que o papel ia mais além e que o conhecimento científico faria parte do conjunto de programas dedicados a educar o povo. Sob a expectativa de aumentar o conhecimento dos seus ouvintes, outras atrações faziam parte da programação fixa da Rádio Sociedade. Eram elas: os noticiários, feitos por meio do recorte de informações veiculadas nos jornais impressos; informações sobre abertura e fechamentos das bolsas em São Paulo; previsão do tempo, repassadas pela Diretoria de Meteorologia do Ministério de Agricultura, Indústria e Comércio; suplementos musicais, econômicos e comerciais; contação de histórias intitulada Quarto de Hora Infantil; transmissão de músicas populares e clássicas brasileiras e

⁷⁹ Revistas Electron e Rádio disponíveis em: <<http://www.fiocruz.br/radiosociedade/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=60>>.

⁸⁰ FIOCRUZ. Imagens 3921, 3479, 3443, 3455, 3465, 4012, 4051, 4477, 4013, 4116. Disponível em: <<http://www.fiocruz.br/radiosociedade/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=41>>.

⁸¹ O artigo de 1923, "Os Milagres do Ether", publicado no jornal *A Noite*, no mês seguinte à fundação da Rádio Sociedade, não assinado, destaca o papel da rádio e levanta essa questão sobre a divulgação científica: "Então a Rádio Sociedade não tem exclusivamente fins científicos? – Não, senhor, diz o Dr. Mário de Souza. Nosso empreendimento tem fins sociais ao lado das questões científicas da T.S.F. que apaixonam alguns de nós." Disponível em: <[http://www.fiocruz.br/radiosociedade/media/J_AN_1923-05-18_Milagres%20do%20Ether_\(LR-p10\).jpg](http://www.fiocruz.br/radiosociedade/media/J_AN_1923-05-18_Milagres%20do%20Ether_(LR-p10).jpg)>.

internacionais; dos concertos de músicas sinfônicas e das óperas realizadas no próprio estúdio pelos convidados ou em alguma região do Rio de Janeiro. Alguns acontecimentos extraordinários eram transmitidos pela Rádio Sociedade e publicados na revista *Electron* como a vinda ao Brasil dos cientistas Einstein, em 1925, e Madame Curie, em 1926.

Madame Curie, a insigne cientista, tem atraído ao anfiteatro de física da Escola Politécnica o alto mundo de sábios brasileiros. As suas maravilhosas conferências têm sido irradiadas pela Rádio Sociedade com júbilo daqueles que aceitam o rádio como elemento de cultura de primeira grandeza⁸².

No entanto, apesar do trabalho de organização dos diversos programas irradiados diariamente, caracterizando-a como pioneira no Brasil no sistema broadcasting, aparentemente a forma do conteúdo era improvisada, pois não encontramos modelo único, se mostrando mais uma tarefa subjetiva de quem transmitiria determinado programa. Não houve a preocupação explícita sobre como as informações chegariam ao público. Sua programação não tinha, principalmente nos primeiros anos, uma linguagem preocupada com a linguagem radiofônica e os programas jornalísticos eram produzidos a partir de recortes de outras matérias publicadas nos jornais impressos⁸³.

Filha de Roquette-Pinto, Beatriz Bonjuga participou desde cedo da equipe e da direção da Rádio Sociedade. Ela era a responsável pela produção e apresentação do programa *Um quarto de hora*. Em uma entrevista em 1990, ela relata algumas situações em que era feitos os programas. “Você sabe como era feito o jornal que ele fazia na casa dele? Riscava e fazia.”⁸⁴

Isso se devia, principalmente, por seu caráter pioneiro no Brasil, e mesmo as experiências com o rádio em outros países eram também recentes. Em 1920, uma estação de rádio em Pittsburg, na Pensilvânia, começou a realizar transmissões regulares, sendo considerada a primeira iniciativa da radiodifusão mundial. Até então, eram realizados apenas experimentos ligados à tecnologia da transmissão radiofônica.⁸⁵

⁸² Revista *Electron*. FIOCRUZ, nº 14 e 16. Disponível em: <<http://www.fiocruz.br/radiosociedade/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=61>>.

⁸³ PIMENTEL, 2009. p. 30.

⁸⁴ Entrevista com Beatriz Bonjuga, concedida à Renato Rocha em maio de 1990. Jornal *O Amigo do Ouvinte- Informativo da Sociedade dos Amigos Ouvintes da Rádio MEC*, nº 25, 1999, Biblioteca da SOARMEC.

⁸⁵ PIMENTEL, 2009. p. 23.

A documentação não nos ofereceu dados suficientes para estimarmos um nível de compreensão dos ouvintes. No entanto, podemos dizer que, se pudesse ser avaliada, a compreensão estaria ligada muito mais à familiaridade do ouvinte com as informações transmitidas e às características utilitaristas do tema do que certo artifício do locutor para facilitar o entendimento. A compreensão dos ouvintes dependeria cada vez mais da maneira pessoal com que Roquette-Pinto e seus colaboradores, entre eles professores, cientistas e pesquisadores, apresentavam e produziam os programas, os quais participavam em qualquer fase da produção⁸⁶.

4.3 A recepção dos Ouvintes

A programação da Rádio Sociedade, ao chegar ao público, causou diversas reações e, muitas vezes, bem diferentes da ideia de “ir aprendendo”, idealizada por Roquette-Pinto. Cartas enviadas por muitos ouvintes reclamavam para Roquette-Pinto sobre a transmissão de música popular ao invés de clássica, como também sobre a necessidade de facilitar a compreensão dos textos, utilizando elementos lúdicos. Outras cartas expressaram a satisfação de ouvintes com as escolhas das músicas e ainda a classificaram como elementos para a formação cultural da população brasileira.

A forma com que as informações eram transmitidas foi questionada por um ouvinte, que entendia que Roquette-Pinto deveria se preocupar mais com maneiras melhores para prender a atenção do público. Para isso ele sugeriu incentivar o uso da literatura como maneira lúdica de ensinar sobre diversos assuntos.

Promova palestras sobre assuntos de utilidade. Não há brasileiro de inteligência que se recuse a fazê-las. Evitar as conferências puramente, ou melhor, pernesticamente literárias [...] João do Norte e Monteiro Lobato estão aí com sua obra. E porque não viajar com Blasco Ibanêz, por ex., pelo “Oriente”, pelo “País da Arte”? Ou com o príncipe D.Luiz “Sousla croix Du Sud” (obra magnífica existindo tradução bem feita)? Por que não ler páginas que façam aflorar o riso, de humorismo, de sátira ou de ironia? [...] O rádio não é meio de instrução especializada; é sim, e incomparavelmente, instrumento de educação generalizada. É um semeador de ideias gerais. Não se ajusta a instrução, mas sim a educação⁸⁷

⁸⁶ FIOCRUZ, imagens 0066, 4279. Disponível em: <<http://www.fiocruz.br/radiosociedade/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=41>>.

⁸⁷ FIOCRUZ, imagens 0024, 0025,0026. Disponível em: <<http://www.fiocruz.br/radiosociedade/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=41>>

O ouvinte entendia o papel da Rádio Sociedade como transmissora de assuntos gerais, os quais não se aprofundariam em temas muito especializados, que ele julgava não estar “ao alcance de todos”, como poderia pensar Roquett-Pinto⁸⁸.

A programação musical da Rádio Sociedade também foi alvo das críticas e elogios dos ouvintes. Considerando-se parte da massa popular, o ouvinte Joel de Castro criticou a mudança da rádio em relação às transmissões de músicas brasileiras como o samba canção. Ele expressou a opinião de que Roquette-Pinto não teria a sensibilidade de perceber que o povo brasileiro não compreendia a música clássica.

Talvez por passares grande parte de tempo no Museu, ainda não tivesse ocasião de prestar atenção à beleza sentimental do nosso samba canção... Desiste de clássico para o povo. Daqui a cinqüenta anos talvez um neto seu possa ser aplaudido por organizar programas como esses! Mas, por enquanto, nós ainda somos muito atrasados, e eu que estou na massa do povo dou, mesmo sem conhecer-te, parodiando uma letra de samba, este conselho: desiste disso meu nego.⁸⁹

Roquette-Pinto recebia cartas de ouvintes que pediam para manter a irradiação das músicas clássicas. A ouvinte Stella Sylvia Mattos acreditava que, apesar de inteligente, o povo ainda “inculto”, precisaria se habituar a ouvir “a música elevada” para se tornar capaz de compreendê-la. Assim, seria a orientação “inteligente e verdadeiramente educadora” da Rádio Sociedade, por meio de seus programas dedicados às músicas clássicas, orquestras e concertos, a responsável por “fazer a cultura musical do nosso povo”⁹⁰.

Certo “ouvinte ranzinza”, mantendo o anonimato com receio das censuras pelos defensores dos sambas e das músicas regionais, questionava a qualidade musical da programação se posicionando contrariamente à mudança na programação em 1932.

Agora, eis que a compensação nos foge e, a não ser um ou outro trecho de boa música que se consegue ouvir, irradiado por uma das cinco únicas estações emisoras desta Capital, isso depois de ter o teimoso ouvinte engolido uma série de coisas horripilantes executadas e cantadas sob o título de ‘música regional’, recaímos no domínio dos estafados sambas e

⁸⁸ Quando diz assuntos de utilidade citou a educação moral e cívica. Já assuntos especializados o ouvinte citou as lições didáticas de inglês e química.

⁸⁹ FIOCRUZ. Imagem 0001. Disponível em:

<<http://www.fiocruz.br/radiosociedade/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=41>>.

⁹⁰ FIOCRUZ, imagens 4505, 4506, 4507. Disponível em:

<<http://www.fiocruz.br/radiosociedade/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=41>>.

dos alambicados tangos [...] Peço licença para conservar o incógnito, pois receio que, depois do que acima fica dito, seja o modesto rabiscador destas linhas linchado pelos patrioteiros de ouvidos duros, cuja indignação poderá explodir em defesa do nacionalismo musical que pretendem fazer com a caricata musica regional de sambas e quejandos.⁹¹

Havia ouvintes que não se conformavam com o espaço que a programação musical dava para os sambas, maxixes, foxtrots, tangos e outras músicas populares nacionais e internacionais. Um desses ouvintes chegou a associar a falta do gosto pela música clássica com a classe social a qual o indivíduo pertencia.

Venho por este meio, alvittrar-lhes em melhorar o vosso programa das 12 às 13 horas, pois o que está sendo transmitido contraria não só a mim, como também a milhares de ouvintes da boa música, que apreciam trechos de música clássica, a estas barbaridades de 'foxtrot', 'sambas' e outros resíduos de música. Alguns trechos de óperas, operetas, canções napolitanas, enfim, uma seleção de música fina, ajudaria até, sem dúvida alguma, a digestão [...] Há certas pessoas, da classe mais baixa, está entendido, que se extasiam diante de um realejo e, taxam um noturno de Chopin ou uma fuga de Bach, de música enfadonha.

O samba se tornou expressão musical urbana quando foi levado das rodas de samba do recôncavo baiano, tradição herdada dos escravos, para o subúrbio do Rio de Janeiro, entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX. A rejeição que sofria por parte da população letrada, principalmente quando a Rádio Sociedade decidiu transmitir canções desse gênero, na década de 1930, se deveu muito a sua origem. O samba foi visto como música de baixa qualidade por surgir no subúrbio da cidade e ser composto por pessoas que, segundo o conceito do ouvinte, não tinham nenhum sentimento musical impresso na inteligência ⁹². Utilizar também a música popular para despertar o interesse do povo brasileiro pela audição da Rádio Sociedade e aumentar as chances de cumprir com o objetivo educativo da rádio, pode ter sido uma boa estratégia de Roquette-Pinto.

No entanto, não sabemos quantificar o número de pessoas, representantes da massa popular, à qual Roquette-Pinto se referia como população isolada, população pobre, que efetivamente conseguiu ser sensibilizada. Os ouvintes que se corresponderam com Roquette-Pinto não faziam parte dessa população, uma

⁹¹ FIOCRUZ, imagem 0008. Disponível em:

<<http://www.fiocruz.br/radiosociedade/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=41>>.

⁹² FIOCRUZ, imagem 0015. Disponível em:

<<http://www.fiocruz.br/radiosociedade/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=41>>.

vez que demonstraram ter bastante conhecimento sobre música. Além disso, a redação das cartas era feita por meio de um português adequado e utilizando palavras, muitas vezes, rebuscadas, o que mostrou certo grau de escolaridade.

Mesmo sem ter uma noção clara de como essas informações estariam alcançando a população, existiram esforços da Rádio Sociedade no sentido de procurar equilibrar tantos pedidos divergentes. Desse modo, a Rádio Sociedade buscou consultar a opinião do público “afim dos futuros programas poderem ser constituídos, o mais que for possível, de acordo com o desejo geral”⁹³. Um texto publicado na revista Rádio, intitulado A escolha dos programas a irradiar diariamente, convocava os associados da Rádio Sociedade para o preenchimento e o envio de uma ficha de sugestão. Nela eram citados todos os programas fixos irradiados para que o ouvinte expressasse a quantidade de tempo que deveria ser dedicado a cada um deles, não devendo exceder 150 minutos, e ainda espaço para sugestões de outros programas.

Assim, a consciência em ter que administrar as solicitações e sugestões do público não impediu que Roquette-Pinto deixasse de afirmar o objetivo principal da Rádio Sociedade de educar o povo.

É certo que nós não fundamos a Rádio Sociedade para irradiar só o que o público deseja. Nós a fundamos para transmitir principalmente aquilo de que o nosso povo precisa: trechos de ciência, literatura ou arte [...] Não falta quem condene a irradiação das músicas populares, a pretexto que elas corrompem o bom gosto do público. Se isso fosse verdade, os tangos que se ouvem diariamente em Buenos Aires teriam acarretado o aniquilamento das duas ou três grandes Sociedades Sinfônicas que ali vivem brilhantemente.⁹⁴

O trecho citado acima, o qual pertence ao relatório produzido pela Rádio Sociedade em 1930, Roquette-Pinto respondia às críticas que foram feitas às músicas, às palestras científicas e às aulas que tratavam das disciplinas escolares. Roquette-Pinto se mostrou convencido de que a Rádio Sociedade não poderia agir exclusivamente de acordo com o gosto de cada um. E como os gostos mudavam, as opiniões enviadas à Rádio Sociedade também não expunham somente as contrariedades em relação à programação. Tomados por um sentimento de que a

⁹³ Revista Rádio 1924, número 14, pag 03. Ver em:

<[http://www.fiocruz.br/radiosociedade/media/Radio_1\(13-24\)_coletanea.pdf](http://www.fiocruz.br/radiosociedade/media/Radio_1(13-24)_coletanea.pdf)>

⁹⁴ Relatório 1930 da Rádio Sociedade redigido por Roquette-Pinto, imagens 3521 a 3526.

rádio realizava tinha uma missão educadora no Brasil, os sócios reconheciam os esforços empenhados por aquele novo meio de comunicação.

Não há a menor dúvida de que a Rádio sociedade está executando uma obra grandemente civilizadora em nosso país com esforço e dedicação notáveis, dignos dos maiores aplausos de todos aqueles que amam o bem e o progresso ⁹⁵.

4.4 A Programação e os Grupos de Amadores do Rádio

A programação da Rádio Sociedade dedicada aos assuntos técnicos da transmissão sem fio – TSF alcançou também um público que aguardava pela liberação da criação de estações de rádios no Brasil, saindo de vez da clandestinidade: amadores do rádio⁹⁶. Para eles, e muitos curiosos do assunto, a Comissão Técnica da Rádio Sociedade respondia às cartas sobre dúvidas e dicas para uma melhor transmissão, técnicas para instalação de um aparelho receptor, dicas de fios para enrolar os fones, distância entre as antenas de duas rádios, ruídos dos aparelhos, tipo de bateria, entre outras⁹⁷. As respostas contavam com a colaboração de Roquette-Pinto e parte de sua equipe competente no assunto que variavam entre instruções sobre como montar um aparelho de rádio de galena⁹⁸ e as providências necessárias para criar uma estação no Brasil. Muitos ouvintes escreviam para informar à Comissão Técnica da Rádio Sociedade como a transmissão estava sendo ouvida em determinadas localidades do País, sobre interferências no som provocado por outras emissoras ou referiam a sua boa qualidade. Ouvintes estrangeiros escreviam à Rádio Sociedade notificando o alcance da transmissão e elogiando a programação e a iniciativa da rádio em educar a população. A rádio recebeu cartas notificando a transmissão em Artigas e

⁹⁵ FIOCRUZ, imagem 209. Disponível em:

<<http://www.fiocruz.br/radiosociedade/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=41>>.

⁹⁶ FIOCRUZ, 0384, 0385. Disponível em:

<<http://www.fiocruz.br/radiosociedade/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=41>>.

⁹⁷ FIOCRUZ, imagens 0016, 0019, 0021, 0028, 0029, 0295, 0714, 1669,1055, 1357, 1275. Disponível em: <<http://www.fiocruz.br/radiosociedade/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=41>>.

⁹⁸ O **rádio de galena** é um dos receptores mais simples de modulação AM que se pode construir. Ele utiliza as propriedades semicondutoras do mineral galena, um dos primeiros semicondutores utilizados, ou seja, antes do germânio e silício. Ele demanda uma antena de grande extensão. Disponível em: <<http://www.fiocruz.br/radiosociedade/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=41>>.

Montevideo (Uruguai), Nova Orleans e Nova York (EUA), Santiago (Chile) e na costa das Guianas e na Argentina⁹⁹.

Entre os cursos transmitidos pela Rádio Sociedade estavam os de radiotelegrafia. As aulas ministradas pelo membro da comissão técnica da rádio, o engenheiro Victoriano Augusto Borges, tratava de assuntos como “comparações entre circuito elétrico e hidráulico, volt, ampére e ohm, Lei de Ohm, efeitos da corrente elétrica, antenas transmissoras e receptoras, aparelhos de galena e efeito amplificador”¹⁰⁰. As revistas Rádio e Electron, além da publicação dos assuntos a serem transmitidos nos cursos de radiotelegrafia, mantinham também em suas páginas diversas informações sobre as novidades técnicas da radiodifusão, dúvidas e lições para iniciantes. Houve também interesse por parte de jornalistas em divulgar o assunto. Além disso, a Rádio Sociedade mantinha uma estação experimental radiotelegráfica e um curso gratuito de radiotelegrafia para seus sócios e colaboradores nas dependências da própria rádio. No curso, que incluía a leitura telegráfica do código Morse¹⁰¹, eram treinados diariamente os escoteiros indicados pela União dos Escoteiros do Brasil e Associação Fluminense de Escoteiros¹⁰².

A seção regular do jornal A Gazeta de Notícias, além de tratar em suas colunas sobre as iniciativas educadoras da Rádio Sociedade, comprometeu-se com a publicação dos assuntos técnicos da radiodifusão¹⁰³. O jornal inaugurava a seção um mês antes da criação da Rádio Sociedade, e fez parte da campanha sobre a importância do uso do rádio no Brasil e de sua liberação legal. Responsável pelo jornal A Gazeta de Notícias, o jornalista e escritor Amadeu Amaral escreveu também ao jornal o Estado de São Paulo, em 15 de junho de 1923, sobre a sua reação ao acompanhar de perto uma transmissão realizada pela Estação da Praia Vermelha, e que o aparelho receptor era construído de materiais muito simples.

Não era possível que aquela carangueijola feita de bambu, alguns metros de fio de cobre, uma bobina de papelão e um fone de aparelho comum,

⁹⁹ FIOCRUZ, imagens 2010, 1943, 1275, 1937,1951, 1928, 1942,1930. Disponível em: <<http://www.fiocruz.br/radiosociedade/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=41>>.

¹⁰⁰ FIOCRUZ, Revista Electron, nº1. Disponível em: <http://www.fiocruz.br/radiosociedade/media/Electron_1%2801%29.pdf>.

¹⁰¹ FIOCRUZ, Electron nº 11-13. Disponível em: <http://www.fiocruz.br/radiosociedade/media/Electron_1%2811-13%29_%5Bbruto%5D.pdf>.

¹⁰² FIOCRUZ, imagens 0938, 1145. Disponível em: Disponível em: <http://www.fiocruz.br/radiosociedade/media/Electron_1%2801%29.pdf>.

¹⁰³ FIOCRUZ, A Gazeta de Notícias. Disponível em: <http://www.fiocruz.br/radiosociedade/media/J_GN_1923-04-19.jpg>.

desse resultado sério. Quem sabe, se aquilo que pregavam ouvir por intermédio desse aparelho, não seriam quaisquer vibrações ordinárias, confusamente conduzidas pelos tais fios expostos! Dentro de pouco, porém, colocando o ouvido, pude escutar versos declamados na Praia Vermelha e entremeados de música, tudo tão perceptível como se os sons se originassem a dois passos.¹⁰⁴

E, assim, como Amadeu Amaral, outros amantes do rádio contribuíam para a divulgação dos benefícios da Rádio Sociedade e de outras emissoras que viriam a aparecer.

A criação de outras emissoras de rádio, identificadas por sociedades ou clubes, já que eram mantidas por sócios e amantes da radiodifusão, foi apoiada pela Rádio Sociedade. Essas emissoras recebiam orientações técnicas sobre como montar uma estação e os documentos necessários para a liberação legal e modelo do estatuto da Rádio sociedade para a criação de novas estações¹⁰⁵. Além disso, a Rádio Sociedade cedia alguns de seus programas para as rádios, como também transmitia a programação de outras emissoras. Assim, ela manteve uma relação constante com rádios de outros estados brasileiros e internacionais como Uruguai, Argentina, Estados Unidos e Inglaterra¹⁰⁶.

O interesse pela prática da TSF foi estimulado com a criação da Rádio Sociedade, sendo as técnicas cada vez mais difundidas. O número de amadores, emissoras e a produção de revistas especializadas também aumentaram. Com uma programação semelhante a da Rádio Sociedade, essas novas emissoras criaram revistas dedicadas às técnicas da radiodifusão, como fez a revista Antena, órgão oficial do Rádio Club do Brasil, que, procurando atender ao número crescente de amadores, dizia:

A maior parte deles não se contenta com o que fabricou ou com que adquiriu, quer melhorar, introduzir nos seus receptores os últimos aperfeiçoamentos, aumentar a sua capacidade de recepção e, por último, quer também emitir, servindo-se da maravilhosa facilidade criada pela onda curta¹⁰⁷.

¹⁰⁴ ROQUETTE-PINTO, 1940, p. 74.

¹⁰⁵ Ver imagens 0020,3927

¹⁰⁶ Lista de Emissoras que a Rádio Sociedade mantinha boas relações. Disponível em: <http://www.fiocruz.br/radiosociedade/media/F05-0048_3.pdf>.

¹⁰⁷ Revista "Antena", ver em: <<http://www.radioamador.org.br/revistas/anep1-02.htm>>.

Segundo a Revista Antena, em 1927, contava 97 o número de radioamadores espalhados nas diferentes regiões do País¹⁰⁸. Outro exemplo foi a criação da revista BZ. Com objetivo de formar uma rede de pessoas interessadas nos temas sobre a radiodifusão, a Associação Brasileira de Rádio Amadores criou também seu próprio periódico. Considerando ainda novo o amador brasileiro em relação aos de países como os Estados Unidos, compara o desejo que existia entre os jovens amadores aos de Roquette-Pinto, mostrando a legitimidade de sua imagem como alguém que rompia com as dificuldades presentes nas novas invenções, desbravador das tecnologias;

Como Roquette-Pinto, cada um dos amadores de nossa terra almeja destruir as distâncias que o separam da maior parte da mocidade brasileira, segregada pela natural deficiência de meios de comunicação [...] Cada um dos seus sócios encarna a figura majestosa do bandeirante lendário.¹⁰⁹

Por ser uma nova tecnologia, não só apenas os amantes do rádio viam a radiodifusão com bons olhos. Já existia um mercado da comunicação, voltado principalmente para os modelos de aparelhos, peças e outras novidades do setor que se interessava em divulgar o rádio. Em 1926, realizou-se a primeira exposição brasileira de aparelhos de radiotelegrafia, na qual Roquette-Pinto é convidado para fazer parte da comissão diretora¹¹⁰. Além disso, o radiotelegrafismo era considerado um ramo importante para a comunicação da população e foi visto com expectativas de crescimento no País. Esse foi um dos motivos para a fundação da escola Marconi, que receberia tanto os amadores e curiosos pela técnica quanto os interessados em trabalhar na atividade. Como todos os assuntos relativos à institucionalização da radiodifusão no Brasil, a escola responsável por seu ensino do radiotelegrafismo também deveria ter seu regulamento aprovado pelo Ministério da Viação. Segundo o diretor de ensino da escola Marconi, o estudo dessa técnica era uma das disposições da Convenção Internacional, a qual obrigava o Brasil a fundar e manter escolas apropriadas ao seu ensino¹¹¹.

¹⁰⁸ Revista "BZ". Disponível em: <<http://www.radioamador.org.br/revistas/anep-gra.htm>>.

¹⁰⁹ Id.

¹¹⁰ FIOCRUZ, imagens 2187, 3236. Disponível em:

<<http://www.fiocruz.br/radiosociedade/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=41>>.

¹¹¹ FIOCRUZ, imagem 3813. Disponível em:

<<http://www.fiocruz.br/radiosociedade/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=41>>.

4.5 As Dificuldades Encontradas

“Muita gente acredita que o papel educativo do rádio é simplesmente um conceito poético, coisa desejável mais difícil ou irrealizável. Quem pensa desse modo, não conhece o que se está fazendo no resto do mundo e, que é melhor: o que se faz no Brasil. Há mais de três anos começamos a praticar aqui a radiotelefonía educativa. Mal grado todas as dificuldades esperadas e encontradas [...]”

Quais eram as dificuldades mencionadas por Roquette-Pinto? Podemos afirmar que uma delas foi a liberação da transmissão sem fio (TSF) no Brasil. Roquette-Pinto e seus colegas da Academia Brasileira de Ciências (ABC) iniciaram cedo uma campanha com o governo para adquirir a licença oficial de transmissão e recepção de ondas de rádio no País. O apoio de colegas da imprensa também foi importante para esclarecer do que se tratava aquele novo meio de comunicação.

4.5.1 A Campanha pela liberação do rádio no Brasil

O jornalista e então diretor do jornal “Gazeta de Notícias”¹¹², Amadeu Amaral, estreou a seção “Radiofonia” tornando-se mais um aliado do uso do rádio no País; “não pode haver povo civilizado que o desdenhe, nem homem medianamente inteligente que não perceba a imensidão de suas aplicações”¹¹³. Na primeira publicação da seção foi anunciada a cooperação de Roquette-Pinto, “essa seção está entregue a um dos mais talentosos e mais cultos dos nossos jovens cientistas”, e de todos os interessados em difundir os benefícios dos transmissores sem fio, principalmente em se tratando da educação dos brasileiros. A demora na revogação das leis que proibiam o uso público das ondas de rádio era justificada pelos riscos da interceptação de comunicações confidenciais do Exército brasileiro, argumento criticado pelos autores do documento. Henrique Morize, então presidente da Academia Brasileira de Ciências e diretor do Observatório Astronômico do Rio de Janeiro, junto com Roquette-Pinto, nomeou uma comissão que redigiu um documento solicitando a liberação da transmissão sem fio¹¹⁴. O Jornal do Comércio publica a carta que Roquette-Pinto, Henrique Morize e outros companheiros da ABC

¹¹² ROQUETTE-PINTO, 1940. p. 74.

¹¹³ Artigo que inaugura a Coluna no Jornal Gazeta de Notícias sobre o rádio. Disponível em: <http://www.fiocruz.br/radiosociedade/media/J_GN_1923-04-19.jpg>.

¹¹⁴ Sobre a nomeação da Comissão que iria interceder junto ao ministro. Disponível em: <http://www.fiocruz.br/radiosociedade/media/J_GN_1923_Radiophonia_%28p09-a%29.jpg>.

enviam ao Ministro da Aviação, citando as vantagens do uso do rádio para o País e sua população e questionando os empecilhos em iniciar as transmissões radiofônicas¹¹⁵.

“Tais medidas são, Sr. Ministro, indispensáveis ao desenvolvimento da T.S.F em nossa terra, trazendo consigo a elevação rápida da cultura e da educação do povo em todos os seus aspectos. Pela TSF o interior do Brasil poderá em pouco tempo transformar-se, graças a nova mentalidade que ela fará surgir em cada povoação onde chegarem suas ondas progressistas.”
116

A liberação oficial da transmissão sem fio (TSF)¹¹⁷, pelo Ministério da Aviação, ocorreu após a instalação da Rádio Sociedade. Dezessete anos mais tarde, Roquette-Pinto descreveria o caminho que teve que percorrer até a inauguração da Rádio Sociedade. Foi estudando “um pouco a radioeletricidade”¹¹⁸, recebendo lições do professor e físico Henrique Morize sobre “o meio mais simples de obter no laboratório uma pequena fonte de ondas contínuas” e apresentando suas ideias ao grupo de companheiros da ABC que Roquette-Pinto angariou companheiros para a iniciação de um processo de “radiotelegrafia educadora”. E conta sobre o prestígio social e científico de Henrique Morize como fundamental para intervir junto ao Ministro da Aviação, à época Francisco Sá, com a apresentação da carta que descreveu como “uma representação que pôs a questão nos seus devidos termos e tão eloquente foi”.

4.5.2 A manutenção da Rádio Sociedade

Outra questão que representou uma dificuldade para Roquette-Pinto foi em relação às despesas adquiridas com o funcionamento da Rádio Sociedade. Inicialmente, apresentando 150 sócios, entre eles políticos, representantes de associações e agremiações, cientistas, educadores, a rádio se manteve por meio das doações e pagamentos de mensalidades. Para usufruir da radiotelegrafia, o

¹¹⁵ Jornal do Comércio, artigo assinado por Roquette-Pinto, Henrique Morize, Domingos Costa e J. Del Vecchio para o Ministro da Aviação. Disponível em: <[http://www.fiocruz.br/radiosociedade/media/J_JC_1923_Academia-Brasileira-de-Sciencias_\(LR-p01\).jpg](http://www.fiocruz.br/radiosociedade/media/J_JC_1923_Academia-Brasileira-de-Sciencias_(LR-p01).jpg)>.

¹¹⁶ Id.

¹¹⁷ FIOCRUZ, imagem 2038 e publicação em jornal da liberação para o funcionamento da Rádio Sociedade, em: <[http://www.fiocruz.br/radiosociedade/media/J_GN_1923_Radiophonia_\(p09-b\).jpg](http://www.fiocruz.br/radiosociedade/media/J_GN_1923_Radiophonia_(p09-b).jpg)>.

¹¹⁸ ROQUETTE-PINTO, 1940. p. 74.

ouvinte tinha que registrar o aparelho de rádio e pagar parcelas mensais de 5 mil réis¹¹⁹. Ainda existia a categoria de sócio efetivo que custava aos interessados uma entrada de 100 mil réis¹²⁰. Então, apesar do crescimento do número de associados¹²¹ e das contribuições e donativos, os gastos com a transmissão, “broadcasting”¹²², também aumentavam. Assim, mesmo não sendo o desejo daquela diretoria, foi preciso “recorrer à transmissão de anúncios e reclames comerciais para aumentar a receita da instituição”¹²³. Os atrasos, como vimos nas cartas de cobranças enviadas pela Diretoria aos sócios e suas respostas, eram frequentes e existiam casos em que o associado ficava até um ano sem pagar à Rádio Sociedade¹²⁴. O que também podia ser um complicador para a manutenção de todos os serviços, sendo mais um fator que contribuiu para que a publicidade fosse instituída na Rádio Sociedade.

Desse modo, em 1925, é anunciada a regulamentação da propaganda pelo Ministério da Aviação, responsável pela regulamentação da radiodifusão no País¹²⁵. Diante da novidade, a Rádio Sociedade precisou se organizar contratando agentes, e, mais tarde, em 1927, instalando uma diretoria exclusiva para tratar das cobranças por anúncios, estabelecendo inclusive uma tabela de preços¹²⁶. No entanto, a publicidade não se mostrou apenas como a solução para os transtornos financeiros da Rádio Sociedade, mas também foi visto como um problema para alguns ouvintes contrariados com tantas propagandas e até mesmo dos próprios

¹¹⁹ A Revista Rádio de 1924, nº 16, pag 03, ensina todos os procedimentos para obter a licença e se tornar sócio da Rádio Sociedade. Disponível em: <http://www.fiocruz.br/radiosociedade/media/Radio_1%2813-24%29_coletanea.pdf>.

¹²⁰ Imagem 1346. Disponível em: <<http://www.fiocruz.br/radiosociedade/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=41>>.

¹²¹ Um dos fatores que fazia crescer o número de interessados era a indicação de nomes de pessoas por sócios da própria Rádio Sociedade, como mostra imagem de número 252. Disponível em: <<http://www.fiocruz.br/radiosociedade/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?tpl=home>>.

¹²² Relatório Revista *Electron*, nº 06, 1926. Disponível em: <[http://www.fiocruz.br/radiosociedade/media/Electron_1\(06\)_%5bbruto%5d.pdf](http://www.fiocruz.br/radiosociedade/media/Electron_1(06)_%5bbruto%5d.pdf)>.

¹²³ Relatório Revista *Electron*, nº 06, 1926, durante comemoração de três anos da rádio apresentado por Henrique Morize e lido por Roquette-Pinto, aparece justificativa sobre a publicidade em 1925. Disponível em: <[http://www.fiocruz.br/radiosociedade/media/Electron_1\(06\)_%5bbruto%5d.pdf](http://www.fiocruz.br/radiosociedade/media/Electron_1(06)_%5bbruto%5d.pdf)>.

¹²⁴ Imagem 1045 do acervo digital da Fiocruz, escrita em 1925 por um sócio justificando o atraso das mensalidades. Ver também na imagem 1267 de outro sócio. <<http://www.fiocruz.br/radiosociedade/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?tpl=home>>.

¹²⁵ FIOCRUZ. Montagem de recorte de jornal. Imagem 116 e relatório (Revista *Electron*, nº 06, 1926, durante comemoração de três anos da rádio aparece trecho sobre a liberação da publicidade em 1925. Disponível em: <<http://www.fiocruz.br/radiosociedade/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?tpl=home>>.

¹²⁶ FIOCRUZ, imagem 1464 mostra a tabela de preços que era enviada aos interessados em anunciar na Rádio Sociedade. E as imagens 1473 e 1474 mostram o relatório do diretor responsável pela propaganda na rádio a partir de 1927 e suas preocupações com o excesso de anúncios. Disponível em: <<http://www.fiocruz.br/radiosociedade/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=41>>.

anunciantes que não viam suas expectativas correspondidas. A rádio recebia críticas sobre a falta de objetividade e clareza na transmissão dos anúncios, o ouvinte Antônio Bicalho chegou a caracterizá-los como irritantes, “aborrecidas e inúteis as explanações, o detalhe, os elogios exagerados, o palavreado longo”¹²⁷. Para ele, morador da cidade do Rio de Janeiro e ouvinte assíduo de emissoras de rádio em São Paulo e na Argentina, era preciso criar um padrão técnico, pois a reação de muitos, como a dele, seria a de desligar o aparelho até que a propaganda terminasse. Sua opinião era a de que a Rádio Sociedade não podia ceder completamente aos apelos das empresas anunciantes, que enviavam textos grandes, devendo reescrevê-los.

O ouvinte Fausto Leite Guimarães compreendia a insuficiência das contribuições de sócios e doações para a manutenção da Rádio Sociedade; entretanto, o excesso de propagandas tornou desagradável a audição dos programas. O ouvinte pediu para cancelar seu nome da lista de sócios, pois foi “obrigado a ouvir seis anúncios entre a transmissão de dois discos de foxtrots”. Ele explicou que aquele formato faria com que outros ouvintes se sentissem aborrecidos e encerrariam a contribuição “porque ninguém se submete a imposições violentas, e o desejo de ‘boicotar’ as drogas anunciadas, devido à tirania dos anunciantes surge imediatamente”¹²⁸.

A locução apressada também foi motivo de reclamação para o anunciante das Casas Mousseline. Em carta, ele advertia Roquette-Pinto sobre se ter mais rigor com a pontuação durante a leitura da propaganda na rádio, pois “não se falando pausadamente, esta não pode ser observada”¹²⁹.

Por outro lado, fazendo parte de uma iniciativa isolada, o anunciante da Sociedade Anônima Alho, talvez consciente da irritação do público com os exagerados e repetitivos anúncios, afirmava que procuraria redigir informações pequenas, como mostrou a carta em que solicitava a inserção na Rádio Sociedade dos anúncios de seus dois almanaques¹³⁰.

¹²⁷ FIOCRUZ, imagens 1562, 1563, 1564. Disponível em: <<http://www.fiocruz.br/radiosociedade/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=41>>.

¹²⁸ FIOCRUZ, Imagem 2472.

¹²⁹ FIOCRUZ, imagem 3805.

¹³⁰ FIOCRUZ, Imagem 147.

A regulamentação dos anúncios só aconteceu em 1932, na forma de decreto, pela Diretoria Técnica dos Telégrafos¹³¹. Decreto que a Rádio Sociedade descumpriu ao exceder no número estabelecido de anúncios entre os intervalos dos programas¹³². O regulamento talvez tenha sido o principal responsável pelas mudanças nas redações e formas dos anúncios, pois publicidades como as do “Toddy” passaram a se preocupar com o cumprimento das normas estabelecidas, inclusive em relação ao número de palavras e à eliminação dos excessos de repetições do nome do produto.¹³³

4.5.3 A Programação Musical e os Conflitos de Interesse

Constituindo parte da programação musical da Rádio Sociedade, na década de 1930, o samba, embora visto com bons olhos pelo então governo do presidente Getúlio Vargas, 1930 a 1945, foi um gênero musical que sofreu com algumas proibições quanto a sua transmissão na rádio. Cartas enviadas pelo chefe de censura da Polícia Civil do Distrito Federal exigiram o comparecimento dos artistas da Rádio Sociedade à diretoria e proibiram a irradiação do disco "Garota Colossal," de Ary Barroso e Nassara¹³⁴.

Uma das tensões vividas no samba, e que não se deve ser ignorada, foi a participação do Estado e das elites intelectuais para a valorização do estilo por se tratar de uma expressão musical genuinamente brasileira, mas também, no que tange ao governo, para sua transformação. O Estado, notadamente sob o "Estado Novo", aproxima da música popular brasileira, agindo para a “institucionalização e/ou ressignificação” do samba. O Estado atuou de modo a “aproximar o samba dos seus projetos político-ideológicos, e de apartá-lo daquilo que era tido e havido como dissonante em relação ao ideário do governo Vargas”¹³⁵.

Desse modo, algumas das mudanças sofridas pela Rádio Sociedade, a partir dessa década, é o controle estatal que se estendia ao conteúdo dos programas irradiados. Como mostra outra carta do chefe de censura da Polícia Civil

¹³¹ FIOCRUZ, Imagem 4320.

¹³² FIOCRUZ, Advertência enviada pelo Departamento dos Correios e Telégrafos, Imagem 4139.

¹³³ FIOCRUZ, Imagens 5244,5245,5246,5247,5248,5249,5250

¹³⁴ FIOCRUZ, Cartas de Pedro Eloy Cordeiro, chefe de censura da Polícia Civil do Distrito Federal, Polícia Civil do Distrito Federal / Diretoria Geral de Comunicações e Estatística, imagens 0068, 0071.

¹³⁵ PARANHOS, 2003.

do Distrito Federal ¹³⁶, a programação era submetida a uma avaliação do departamento, somente após a aprovação poderia ser transmitida.

Sabemos que a Rádio Sociedade foi controlada pelo Estado desde sua fundação, visto a burocracia para a emissão de licenças pelo Ministério da Aviação – Repartição Geral dos Telégrafos aos ouvintes e às estações de rádio ¹³⁷. Entretanto, no período que coincide com o governo de Getúlio Vargas, o controle se estendeu ao conteúdo, o qual, além de passar por aprovações, era solicitada a inserção das informações produzidas pelo governo. O telegrama do Departamento dos Correios e Telégrafos, em maio de 1934, avisou sobre o início da obrigação com a transmissão do "programa oficial" ¹³⁸.

Segundo o Estatuto da Rádio Sociedade, ela foi “fundada com fins exclusivamente científicos, técnicos, artísticos e de pura educação popular” e não se envolveria “em qualquer assunto de natureza profissional, industrial ou política”¹³⁹. A frase isentava Roquette-Pinto e qualquer um dos membros da equipe da rádio de expor impressões pessoais sobre as questões políticas que envolviam os governos. Dessa maneira, não encontramos nenhuma referência a grandes feitos ou projetos de governos expressos na programação fixa da rádio, publicados pela revista *Electron* ou mesmo nas cartas recebidas por Roquette-Pinto. Exceto alguma campanha, homenagem, avisos, realizados esporadicamente por instituições públicas e privadas, traziam alguns desses aspectos políticos. Entretanto, sabemos das publicações da programação feitas pela revista *Electron* até a edição número 10, em 1926, período que antecede ao novo governo, impossibilitando identificar qualquer indício de modificação na maneira de abordar os temas históricos e sociais por meio desse periódico.

¹³⁶ FIOCRUZ. Carta de Pedro Eloy Cordeiro, chefe de censura da Polícia Civil do Distrito Federal, Polícia Civil do Distrito Federal / Diretoria-Geral de Comunicações e Estatística, Imagem 0070.

¹³⁷ REVISTA RADIO, 1924, Modelos para obter licença para instalar aparelhos receptores de rádio <[http://www.fiocruz.br/radiosociedade/media/Radio_1\(13-24\)_coletânea.pdf](http://www.fiocruz.br/radiosociedade/media/Radio_1(13-24)_coletânea.pdf)>.

¹³⁸ FIOCRUZ, Carta do Ministério da Aviação /Departamento dos Correios e Telégrafos, Imagem 4308.

¹³⁹ FIOCRUZ. Estatuto da Rádio Sociedade publicado em 1926. Artigo 3.º - Revista *Electron*, nº 07. <http://www.fiocruz.br/radiosociedade/media/Electron_1%2807%29.pdf>.

4.6 Outras Experiências Relacionadas

4.6.1 A Rádio Sociedade e o Cinema Educativo

Em seu trabalho como antropólogo do Museu Nacional, Roquette-Pinto colecionou filmes e formou a filmacoteca da instituição, quando em 1912 agregou uma produção sua, nhambiquaras, filmado durante a expedição Rondon à Serra do Norte. Ainda em relação ao cinema, Roquette-Pinto fundou o Instituto Nacional do Cinema Educativo (INCE), em 1936. Além de coordenar o instituto, dirigiu alguns filmes e participou dos roteiros de *O Descobrimento do Brasil* (1937) e *Argila* (1942)¹⁴⁰.

Tanto na Rádio Sociedade como no seu trabalho na produção de filmes pelo INCE, é percebido um entendimento semelhante no que diz respeito ao uso dos meios de comunicação. Para Schvarzman (2004), no INCE Roquette-Pinto queria reverter a prática de que os saberes eram domínio exclusivo dos sábios, portanto deveriam ser levados ao povo brasileiro¹⁴¹. Durante seu trabalho na Rádio Sociedade a impressão que tivemos é que ele trata o meio também como uma forma de socializar os saberes. Assim, a Rádio Sociedade e o INCE são considerados meios eficazes. Entretanto, suas experiências baseadas nos trabalhos com esses meios de comunicação, tão diferentes entre si, não nos mostraram em Roquette-Pinto algum interesse pelas possibilidades intrínsecas a cada um deles. Mais ainda na Rádio Sociedade, a impressão que se tem é que Roquette-Pinto entendia que as informações, por si sós, à medida que fossem transmitidas, permitiriam a cada ouvinte aprender um pouco¹⁴².

No cinema, por exemplo, o público contava com as imagens para uma melhor compreensão de um determinado assunto. Já o rádio, precisaria de desenvolver algum artifício para que a imagem fosse formada na mente do ouvinte. Assim como na Rádio Sociedade, Roquette-Pinto tratou o cinema como um “meio técnico e científico mais moderno e completo de documentação e exibição de imagens”, não se envolveu com as novidades do meio, como também não fez parte de suas ideias se envolver em discussões que tratassem de modelos ou técnicas, já

¹⁴⁰ SCHVARZMAN, 2004, p. 95-135.

¹⁴¹ SCHVARZMAN, 2008, p. 295 – 324.

¹⁴² ROQUETTE-PINTO, 1926. p. 15-16.

utilizados em rádios estrangeiras, referentes ao tamanho dos conteúdos e das formas de expressão. Os textos divulgados na Rádio Sociedade eram bem semelhantes aos textos impressos em livros acadêmicos e/ou do ensino escolar.

“Quanto a considerar o cinema uma arte, ou meio de expressão, essa ideia não estava no horizonte das camadas letradas, apesar dos esforços de D.W. Griffith ou da associação do cinema às vanguardas a partir dos anos 20”¹⁴³.

Assim como os filmes apresentaram um universo de saberes acadêmicos, mesmo que contassem com a criatividade do cineasta Humberto Mauro e alguns deles fossem bem recebidos pelo público, os cursos e palestras transmitidos pela Rádio Sociedade também seguiram essa linha. O grau de instrução do ouvinte não foi percebido como obstáculo para Roquette-Pinto, já que os cursos irradiados na Rádio Sociedade falaram de ciências e artes sem que houvesse uma preocupação explícita com o grau de compreensão por parte da população¹⁴⁴. Como mostram os grandes resumos dos cursos publicados pela revista *Electron* até a sua décima edição, em 1926, os temas referentes à língua portuguesa e inglesa, literatura, química, matemática, física eram ensinados de forma bastante didática, não ficando explícito qualquer recurso utilizado por Roquette-Pinto para facilitar a compreensão das explicações.

A razão de Roquette-Pinto trabalhar com meios de comunicação em massa, como o rádio e o cinema, era que ambos seriam eficientes para educar o povo e vencer a ignorância.¹⁴⁵ Roquette-Pinto acreditou que esses seriam veículos de uma revolução para a educação do povo, pois aqueles que sabiam iam definindo os saberes necessários aos incultos, tomados como seres carentes, necessitados da devida condução¹⁴⁶.

4.6.2 A Rádio Sociedade e a Revista Nacional de Educação

Roquette-Pinto, de 1926 a 1935, assumiu a direção do museu, o que nesse período ele criou, além de cuidar das tarefas administrativas da instituição, a

¹⁴³ SCHVARZMAN, 2008. p.297-298.

¹⁴⁴ A Revista *Electron* do nº 01 ao nº 10 foram publicados os resumos dos cursos, sendo que no nº 10 apenas constavam os temas e os palestrantes sem referência ao conteúdo como nos demais. A partir do nº 11, a Revista emite um comunicado que os resumos serão cancelados. Disponível em: <<http://www.fiocruz.br/radiosociedade/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=61>>.

¹⁴⁵ *Op. Cit.*, 2008.p.302.

¹⁴⁶ *Ibid.*, 2008, p. 295 - 324

Seção de Assistência ao Ensino e a Revista Nacional de Educação, publicada de 1932 a 1934¹⁴⁷.

Antes da Revista Nacional de Educação, não podemos deixar de mencionar que ocorreram outras tentativas de tornar o Museu Nacional um local de referência para a educação da sociedade. As primeiras iniciativas nesse sentido surgiram com a realização dos cursos de divulgação científica e a publicação de Os Arquivos do Museu. Essas iniciativas fizeram parte da nova era fundada a partir Ladislau Netto no museu, de 1874 a 1893. Desde sua criação, por meio do decreto imperial de D. João VI, em 1818, até a gestão de Ladislau, o Museu Nacional apresentava um caráter enciclopédico e com nenhuma produção científica. A perspectiva anterior a Netto era de reunir tudo de forma a possibilitar ao visitante “viajar por todos os continentes do globo apenas percorrendo alguns metros e abrindo algumas gavetas”¹⁴⁸.

A entrada de Ladislau Netto para o Museu Nacional representou o compromisso com uma nova postura científica da instituição, criando outras seções referentes à paleontologia, antropologia e etnologia, e intensificando os intercâmbios com museus europeus, norteamericanos e latinoamericanos. Além disso, cargos importantes dentro do museu passaram a ser concedidos a cientistas nacionais como também a preferência por suas publicações na revista Os Arquivos do Museu.

149

No entanto, Os Arquivos do Museu era uma publicação científica iniciada nos de 1870, voltada apenas para os pares, não tendo uma preocupação em facilitar a leitura por um público leigo ou menos ligado ao universo acadêmico. Houve ainda a realização pelo museu de cursos de divulgação. Entretanto as palestras não atendiam à população em geral já que se destinaram a um público bem específico composto pelas “senhoras da mais distinta sociedade, homens de letras, empregados públicos e, não raras vezes, o próprio imperador”¹⁵⁰.

Nas primeiras décadas do século XX, a união de fatores como o impulso das ciências biológicas no Brasil, dos estudos tropicais que destacavam os saberes botânicos e entomológicos para eliminar as pragas do café como também a

¹⁴⁷ Ver site oficial do Museu Nacional. Disponível em: <<http://www.museunacional.ufrj.br/MuseuNacional/Principal/DIRETORES.pdf>>.

¹⁴⁸ DUARTE, 2004. p. 33-56.

¹⁴⁹ SCHWARCZ, 1993, p. 77-78.

¹⁵⁰ *Op. Cit.*, 2004, p. 33-56.

produção de soros diversos e combates às doenças tropicais e dos debates sobre as características raciais do povo somados às construções de ferrovias e a instalação de linhas telegráficas, desencadeou o desejo de transformação política e social entre os intelectuais da época, e também naqueles que compunham o quadro de profissionais do Museu Nacional. O museu vai se tornando um “importante centro intelectual de debate e lócus formador de projetos de renovação nacional”, privilegiando as iniciativas para educar a população.¹⁵¹

Nos anos de 1920, o Museu Nacional destina sua atenção para o público jovem e, para isso, lançam outra publicação: os Quadros Didáticos de História Natural, que resumiam tópicos para sala de aula. Os pôsteres didáticos visavam a orientar os professores durante as excursões de jovens às exposições do museu. Roquette-Pinto produziu os primeiros exemplares sobre antropologia. Antes disso, ele já havia escrito o Guia das exposições, com o mesmo tema que iniciou os Quadros Didáticos de História Natural: a ordem dos primatas.

Com esse trabalho, o museu incentivava as escolas a montarem seus próprios gabinetes de história natural, promovendo a publicação de guias para formar coleções científicas básicas, como coletar, tratar, classificar, desenhar etc. O lema adotado era: ‘um gabinete de História Natural em cada escola’.¹⁵²

Em 1926, com a entrada de Roquette-Pinto para a direção do Museu Nacional, aumenta o esforço em construir aquele espaço como um bem para a história da humanidade, preocupando em aproximar as exposições existentes da população em geral. O público, constituído por estudantes e professores, passa a receber mais atenção com novas produções e espaços para ajudá-los numa melhor compreensão das exposições.

Para Roquette-Pinto, os museus de história natural, como o Museu Nacional, eram, ou deveriam ser, instituições fundamentais de apoio ao sistema educacional, em particular para o ensino do conhecimento e dos métodos da ciência às novas gerações. Eles seriam, também, espaços privilegiados para se inculcar virtudes cívicas e para a consolidação da identidade coletiva nacional.¹⁵³

¹⁵¹ DUARTE, 2009. p. 317-340.

¹⁵² ARANHA; MOREIRA; MASSARANI, 2008. p. 247-270.

¹⁵³ ARANHA; MOREIRA; MASSARANI, 2008. p. 247-270.

Distribuída gratuitamente em todos os institutos públicos de ensino até 1934, a Revista Nacional tinha o objetivo de tornar mais fácil a compreensão do público, moradores de distantes regiões do País, sobre ciências naturais, história, arte, economia, higiene, entre outros. A revista continha imagens para auxiliar no entendimento dos textos. Outra maneira de expandir o uso da revista, foi direcioná-la também aos professores para que fosse utilizada em ambientes escolares. Segundo Duarte (2004), a publicação e a distribuição da revista pelo governo provisório, certamente representava uma das armas na estratégia de constituição de legitimidade do novo projeto político.¹⁵⁴

A partir da criação do serviço de censura dos filmes cinematográficos, o qual ficou vinculado ao Museu Nacional, em 1932, foi estabelecida uma taxa cobrada por metragem dos filmes que seriam exibidos. O valor arrecadado por meio dessa taxa deveria financiar a educação popular no Brasil. Essa instrução, a qual cumpria o Decreto 21.240, de abril de 1932, possibilitou a formação de uma filmoteca e a publicação da Revista Nacional de Educação pelo Museu Nacional. Mais tarde, por meio da arrecadação da taxa de censura, produziria filmes educativos fazendo nascer o Instituto Nacional do Cinema Educativo, também inaugurado pelo governo.¹⁵⁵

Muitos artigos da revista eram assinados por cientistas do Museu Nacional, entre eles Roquette-Pinto e outros colaboradores ligados ao campo da educação. A Revista Nacional de Educação foi fundada por Roquette-Pinto na mesma época em que ele também era diretor da Rádio Sociedade. Esse fato já anunciava a semelhança entre o conteúdo do material publicado na revista e a programação da rádio. Além disso, da equipe de colaboradores da Rádio Sociedade e da Revista Nacional de Educação participavam alguns mesmos professores como J. Sampaio e Cândido Mello Leitão, pesquisadores do Museu Nacional; Sebastião M. Barroso, do Departamento Nacional de Saúde Pública – Diretoria: Sampaio Ferraz, da Diretoria de Meteorologia do Ministério da Agricultura Indústria e Comércio¹⁵⁶.

¹⁵⁴ DUARTE, 2004. p. 33-56.

¹⁵⁵ DUARTE, 2009. p. 317-340.

¹⁵⁶ Revista Nacional de Educação, nov. – dez. 1932, jan. – mar. 1933, mai. – set. 1933; revistas do acervo pessoal e gentilmente cedidas por Catarina Capella. Rádio Sociedade; FIOCRUZ, imagem 0468; Revista *Electron*, nº 06, Disponível em: <<http://www.fiocruz.br/radiosociedade/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=41>>.

A revista buscou a receptividade do público utilizando-se de algumas características até então não observadas no material do Museu Nacional. Segundo a análise de Duarte (2004), além da notoriedade dos autores, era a ampla utilização de imagens, todas em preto e branco, em uma reprodução de excelente qualidade¹⁵⁷.

Como colaborador da Revista Nacional de Educação, Mello Leitão considerava o desenvolvimento de uma abordagem clara e objetiva para os leigos a respeito dos seres vivos. Ela utilizava, por exemplo, fábulas como a de La Fontaine, “A formiga e a cigarra”, para explicar sobre a vida das cigarras em termos zoológicos¹⁵⁸. Ou, então, iniciando com uma história corriqueira relatada pelos jornais, como fez no artigo intitulado “celentérios”, sobre uma senhora que se banhava na praia de Copacabana e foi queimada por uma enorme água-viva¹⁵⁹.

Com o mesmo propósito de alcançar a população, os cursos da Rádio Sociedade, cujos temas eram relacionados aos cuidados com o corpo e com a saúde e ainda ao trabalho no campo, de certa forma, transmitiram informações mais compreensíveis para o público. Se levarmos em consideração os cursos de matemática, inglês, francês, química, português e física, as temáticas da saúde e do trabalho tinham uma característica mais utilitarista, aproximando-se da vida das pessoas, como, por exemplo, a palestra sobre a importância de manter a casa limpa e livre de insetos.

As palestras sobre “moléstias que se apanham pelos alimentos”, sífilis, vícios e intolerâncias, peste bubônica, “como distinguir as carnes que devem ser rejeitadas”, trabalho e repouso, esportes compunham o leque das noções que Roquette-Pinto e seus colaboradores julgavam necessárias para diminuir as doenças da população. Segundo o resumo dos cursos publicados na revista *Electron*, era importante que o quadro de doenças no Brasil se aproximasse dos países mais desenvolvidos, já que muitos tratamentos tendiam a se tornar mais desnecessários nas nações civilizadas. No curso intitulado *Em medicina*, como em tudo mais, antes prevenir que remediar, o Dr. Sebastião Barroso, funcionário da Seção de Propaganda e Educação Sanitária do Departamento Nacional de Saúde Pública, dizia que todas as doenças originadas por vícios eram evitáveis. A

¹⁵⁷ DUARTE, 2004. p. 33-56.

¹⁵⁸ MELLO LEITÃO, Cândido. Revista Nacional de educação, março de 1933, p. 03.

¹⁵⁹ MELLO LEITÃO, Cândido. Revista Nacional de educação, fevereiro de 1933, p. 17.

diminuição do número de moléstias dependia de o conhecimento estar ao alcance “de qualquer cultura e de qualquer inteligência”¹⁶⁰.

Os cursos de silvicultura prática ensinavam aos agricultores sobre economia, plantio e proteção da natureza. Ministrados pelo professor de botânica do Museu Nacional, Alberto J. de Sampaio, os cursos tratavam de temas como: importância das florestas, arboricultura, cultivo de florestas econômicas e matas nativas no Brasil.¹⁶¹

A partir da criação do serviço de censura dos filmes cinematográficos vinculado ao Museu Nacional, em 1932, ficou estabelecida uma taxa cobrada por metragem dos filmes que seriam exibidos. O valor arrecadado por meio dessa taxa deveria financiar a educação popular no Brasil. Essa instrução, a qual cumpria o decreto 21.240, de abril de 1932, possibilitou a formação de uma filmoteca e a publicação da Revista Nacional de Educação pelo Museu Nacional. Mais tarde, por meio da arrecadação da taxa de censura, produziria filmes educativos fazendo nascer o Instituto Nacional do Cinema Educativo, também inaugurado pelo governo.

¹⁶²

Houve algumas semelhanças entre a programação dos cursos da Rádio Sociedade e as informações publicadas na Revista Nacional de Educação. Tanto a Rádio Sociedade quanto a Revista Nacional de Educação tinham o interesse de oferecer uma espécie de retrato do Brasil, sob todos os seus mais variados aspectos, para que a população fosse capaz de reconhecê-lo como nação. Roquette-Pinto também utilizou a Rádio Sociedade para o fortalecimento do sentimento de nacionalidade da população brasileira. Os esforços podiam ser percebidos, por exemplo, por meio dos cursos da Rádio Sociedade sobre a história do Brasil. Os fatos históricos do país eram contados sob uma perspectiva nacionalista, mencionando grandes feitos considerados patrióticos. O resumo do curso publicado pela revista Electron dizia que a aula trataria de contar sobre as expansões de territórios brasileiros como conquista dos brasileiros.

Se toda a história do Brasil foi um reflexo da história européia, há nela um grande episódio unicamente nosso: a expansão do nosso território. Isso,

¹⁶⁰ Revista Electron, FIOCRUZ, nº5. Disponível em: <http://www.fiocruz.br/radiosociedade/media/Electron_1%2805%29_%5Bbruto%5D.pdf>.

¹⁶¹ Revista Electron, FIOCRUZ, nº1. Disponível em: <http://www.fiocruz.br/radiosociedade/media/Electron_1%2801%29.pdf>.

¹⁶² DUARTE, 2009. p. 317-340.

fizemos sozinho. Foi uma vitória exclusiva da raça brasileira já em formação bem caracterizada. Foram os paulistas que fizeram de fato a grande expansão. O movimento bandeirante foi o primeiro sintoma de nossa individualidade nacional.¹⁶³

Outro resumo mostrou que o professor palestrante João Ribeiro, em sua explicação sobre a organização do Brasil, remete à época presente, no caso em 1926, para exemplificar a condução do Estado na organização dos territórios brasileiros e de sua população. “A antiguidade desse ritmo da federação e da união que se observa em toda a história nacional desde aqueles primitivos fundamentos.”

164

As capitâneas entre si independentes deixaram perenes vestígios no particularismo das províncias e estudos autônomos, mas para contrastar a esse efeito e excesso, foi logo cedo, em 1548, criado um governo geral da Bahia, destinado a conter feudos e auxiliá-los nas ocasiões necessárias.

O interesse pelo fortalecimento do nacionalismo era acompanhado ainda por outras rádios que surgiam no País. Em carta destinada à Rádio Sociedade, o gerente da Sociedade Rádio Educadora Paulista, considerava Roquette-Pinto um colaborador “de peso” para falar sobre a realidade brasileira e seu trabalho servia de exemplo para a programação de outras emissoras como aquela. A transmissão sobre fatos e estudos sobre a realidade brasileira era para o gerente uma especialidade de Roquette-Pinto que ajudava na promoção do sentimento de nacionalidade entre a população brasileira. O gerente dizia:

Temos também observado os seus esforços em dar às irradiações da SQAA {referência à estação da Rádio Sociedade} um sadio cunho de brasilidade, esforços esses que tem despertado da nossa parte a mais viva simpatia. Pois bem, essa ideia de dar às irradiações, principalmente na seção de conferências e palestras, uma feição de nacionalismo, vem também nos preocupando, mormente quando em São Paulo a tendência ao cosmopolitanismo é ainda mais acentuada que no Rio¹⁶⁵.

Embora existissem semelhanças entre a educação por meio da Revista Nacional de Educação e a Rádio Sociedade, o espectro de audiência da rádio era

¹⁶³ Revista *Electron*, FIOCRUZ, nº1. Disponível em:

<http://www.fiocruz.br/radiosociedade/media/Electron_1%2801%29.pdf>.

¹⁶⁴ Revista *Electron*, FIOCRUZ, nº4. Disponível em:

<http://www.fiocruz.br/radiosociedade/media/Electron_1%2804%29_%5Bbruto%5D.pdf>.

¹⁶⁵ Imagens 2903 e 2904. Disponível em:

<<http://www.fiocruz.br/radiosociedade/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=41>>.

mais amplo que o da revista. Enquanto a publicação da revista se destinou a um público letrado como professores representantes de associações culturais, a rádio foi direcionada a todos os tipos de ouvinte, independente do nível de escolaridade.

“Há, no país, de 11 a 18 anos, na idade em que a personalidade se define, em que indivíduos iniciam a profissão que em geral conservem pela vida afora, mais de 7.000.000 de jovens, cuja cultura só mesmo no cinema e no rádio encontra algum amparo. Não me esqueço da imprensa. João Ribeiro repete que os jornais, no Brasil, desempenham muitas vezes, a função dos livros. Mas o rádio e o cinema vão onde não vai o jornal: vão aos que não sabem ler”¹⁶⁶

4.7 A Educação

As iniciativas de Roquette-Pinto por meio da Rádio Sociedade estiveram atentas à promoção da cultura geral como forma de proporcionar a educação do povo. Entendemos que esse trabalho tinha uma proposta educativa, mesmo que essa rádio não tenha sido criada para auxiliar na educação escolar. “É uma coisa que Roquette sempre dizia: ‘O nosso povo tem que ser educado é pelo futebol, é pela música, é pelo ofeão, é a disciplina’.”¹⁶⁷

A arte e a ciência poderiam transmitir conhecimentos? Os Cursos da Rádio, os noticiários, a música, campanhas públicas tinham a finalidade de educar? Ao chamar a Rádio Sociedade de educativa entendemos que Roquette-Pinto não viu apenas uma maneira de proteger a instituição das pressões comerciais.¹⁶⁸ Segundo os estudos de Gilioli¹⁶⁹, a experiência da Rádio Sociedade serviu como uma espécie de projeto piloto para a criação das rádios-escolas. Essas últimas, sim, foram criadas para reforçar o ensino escolar. Ao focar no desenvolvimento das radioescolas como objeto da educação não formal e de exemplo para a criação de outros modelos de ensino a distância, o trabalho do autor apresenta uma perspectiva diferente desta pesquisa. Consideramos que as rádio-escolas e a Rádio Sociedade foram duas maneiras distintas utilizadas por Roquette-Pinto para contribuir com a melhoria da

¹⁶⁶ Revista Nacional de Educação, fevereiro de 1933, nº 5, pag. 03, acervo pessoal, gentilmente cedida por Catarina Capella Silva

¹⁶⁷ Entrevista com Beatriz Bonjuga, concedida à Renato Rocha em maio de 1990. Jornal *O Amigo do Ouvinte- Informativo da Sociedade dos Amigos Ouvintes da Rádio MEC*, nº 25, 1999, Biblioteca da SOARMEC.

¹⁶⁸ Tese analisa o trabalho de Roquette na Rádio Sociedade com o foco na criação das rádios-escola e em suas contribuições para as metodologias e concepções do Ensino à Distância em GILIOILLI, 2008.

¹⁶⁹ Id.

educação no país. Nas primeiras décadas do século XX, novos modelos de educação estavam sendo discutidos. A ideia de que educar era criar hábitos de significação social, de certa forma, ampliou a visão sobre as possibilidades de ensinar. A própria diversidade de profissionais envolvidos na equipe de colaboradores da Rádio Sociedade aponta alguns indícios de experimentação nessa busca, os quais vão muito além do universo escolar. José Oiticica (1882-1957), lembrado por suas obras literárias como também pela sua presença no movimento anarquista brasileiro, foi responsável por apresentar e produzir os Cursos do Rádio na Rádio Sociedade referentes ao ensino da língua portuguesa. Não obtivemos fontes para acompanhar sua maneira provavelmente irreverente de ensinar o português, mas algumas reflexões sobre sua maneira de lecionar deixam várias indagações sobre as experimentações voltadas para a educação na rádio.

O roteiro era implacável: mais talvez que a aura solene da biografia do poeta do século de Péricles, ou mesmo que a demonstração analítica da estrutura dramática da comédia enquanto gênero (os cuidados com o prólogo, o párodo, o agon e a parábase), o que as aulas de Oiticica perseguiam era a expansão ideológica de um conceito que empolgasse os alunos em torno da libertação da consciência dos homens.¹⁷⁰

Não podemos negar que a necessidade de transformação cultural da população brasileira vista por Roquette-Pinto chamava sua atenção para o ensino escolar fazendo com que, além das rádios escolas, ele investisse seu tempo envolvendo nesse ambiente de outras formas. Na carta abaixo, trocada entre Rádio Club e Rádio Sociedade, foi estabelecido entre as emissoras uma parceria para atender algumas escolas municipais.

As duas Sociedades combinarão a melhor maneira a fim de serem levadas a efeito desde já, semanalmente, nas escolas municipais, durante os recreios, audições de musica, histórias para crianças e uma parte instrutiva de educação cívica, moral, higiênica etc. Para esse fim, cada Sociedade escolherá seu dia e a seu cargo ficarão a organização do programa e as despesas a efetuar. Todavia do programa deverá sempre constar uma dissertação instrutiva ao lado da recreativa.¹⁷¹

¹⁷⁰ PRADO, 2000.

¹⁷¹ A preocupação com a higiene e sua relação com o bom desempenho e formação moral do aluno era assunto crescente entre os intelectuais da década de 20, sendo mais tarde tema recorrente durante a Reforma Fernando de Azevedo de 1927 a 1930.

Crítico aos livros didáticos, Roquette-Pinto enxergava negativamente a distância entre a realidade dos estudantes e o que ensinavam os textos. Em artigo, extraído do seu livro *Seixos Rolados*, publicado em 1927, questionou a permanência do método intuitivo e das lições de coisas¹⁷² nos currículos escolares. Não percebia como eficiente para o ensino das crianças, por exemplo, a indução do hábito enciclopédico, pois não revelavam aos alunos a conexão entre os seres vivos e suas relações com a natureza, os fenômenos e acontecimentos.

No ovo não se vê nada daquilo que forma depois a ave: ossos, penas, bicos etc. Mas quando se percebe que o ovo vira pinto, aos poucos, por diferenciação, a criança penetra no conhecimento de uma das mais grandiosas leis naturais: ela compreende, por si, que os seres vivos evoluem. Isso, ao que me parece, é bem mais útil e de maior alcance do que uma simples lição de coisas.¹⁷³

O ensino enciclopédico na escola primária para Roquette-Pinto (1927) era inútil e pretensioso, que não facilitava a educação científica no Brasil. Ele observou que o povo brasileiro tinha o costume de criar nomes populares para plantas e animais. “No Brasil, disse notável viajante, todo animal é bicho”. Com as plantas ainda se tinha mais sorte, segundo ele, pois o povo conseguia formar e batizar os grupos naturais, “é um gravatá, é um angico, é um coqueiro”. O ensino de ciência dependeria muito mais da observação e da comparação indutiva entre os seres vivos do que da sua mera nomenclatura científica. O aprendizado dependeria de como cada pessoa se relacionaria com os saberes ensinados. Assim, a preocupação com o ensino deveria focar em como chamar atenção para o início dessa relação entre a pessoa e o objeto desconhecido, e não apenas para a fixação da nomenclatura.¹⁷⁴

¹⁷² A divulgação do método intuitivo e das lições de coisas acontece nas conferências, congressos e exposições pedagógicas na segunda metade do século XIX em vários países da Europa e das Américas. A temática do ensino intuitivo tem sua apropriação na educação brasileira nos fins do século XIX e início do XX, período em que a exaltação das “lições de coisas” é considerada símbolo de renovação pelas novas instituições republicanas de ensino. O método intuitivo e “as lições de coisas” presente nos currículos escolares, demasiadamente enciclopédicos, representam o aspecto de monumentalidade das novas instituições republicanas, dos grupos e da escola normal. (VEIGA, 2007, p. 247-248.)

¹⁷³ ROQUETTE-PINTO, 2005. p. 59-63.

¹⁷⁴ ROQUETTE-PINTO, 2005. p. 59-63.

Em uma entrevista ao jornalista e diretor da SOAMEC - Sociedade dos Amigos da Rádio MEC, a filha de Roquette-Pinto, Beatriz Bonjuga, lembrou a explicação do pai sobre a diferença entre educar e instruir, o que nos ofereceu pistas sobre sua visão em relação ao aprendizado.

É muito fácil, minha filha: você, quando obriga o seu filho, Cláudio, a lavar os dentes todos os dias, você está educando. Quando você explica que, se não lavar o dente, vem a cárie, a infecção, a moléstia, você está instruindo. Então, educar é criar hábitos de significação social.¹⁷⁵

Já nos fins da década de 20, dois artigos da Reforma do Ensino do Distrito Federal, realizada por Fernando de Azevedo, determinavam a instalação de aparelhos de rádios nas escolas. A determinação só foi cumprida a partir de 1933, por Anísio Teixeira. Sob a direção de Roquette-Pinto, a estrutura da primeira Rádio Escola Municipal, PRD-5, foi organizada. Seguindo exatamente o currículo escolar da escola primária, foi utilizado o material antigo da Rádio Sociedade, “os funcionários que iam trabalhar de graça, que ajudaram a montar a Rádio”¹⁷⁶.

A Rádio Escola distribuía folhetos informativos e esquemas de lições através dos Correios às pessoas inscritas nos programas, e estas respondiam enviando exercícios relacionados ao conteúdo das aulas.

Ao tratar como indispensável a criação de novos modelos para o aprendizado de crianças e jovens, Roquette-Pinto assinou, junto com outros intelectuais¹⁷⁷, a lista do Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova, em 1932. O grupo vislumbrava uma educação escolar capaz de preparar o estudante para lidar com o mundo fora dos muros institucionais, diferente daquilo que ensinavam os métodos tradicionais. Foi proposta uma educação escolar atenta à formação de um novo homem, o qual tivesse condições morais e intelectuais de se relacionar com as novas situações sociais, tornou-se o assunto central dos debates para a criação dessa nova escola proposta pelos participantes do movimento. Em 1937, com iniciativas junto aos professores e alunos, Roquette-Pinto trabalhou para que filmes

¹⁷⁵ Entrevista com Beatriz Bonjuga, concedida à Renato Rocha em maio de 1990. Jornal *O Amigo do Ouvinte- Informativo da Sociedade dos Amigos Ouvintes da Rádio MEC*, nº 25, 1999, Biblioteca da SOARMEC.

¹⁷⁶ Entrevista com Beatriz Bonjuga, concedida à Renato Rocha em maio de 1990. Jornal *O Amigo do Ouvinte- Informativo da Sociedade dos Amigos Ouvintes da Rádio MEC*, nº 25, 1999, Biblioteca da SOARMEC.

¹⁷⁷ Venâncio Filho, Anísio Teixeira, Miguel Couto, Azevedo Amaral, Fernando Azevedo, entre outros.

produzidos pelo Instituto Nacional do Cinema Educativo,– INCE, fossem utilizados para o ensino nas escolas.

A educação de forma ampla, tanto em relação ao ensino escolar quanto fora dele, esteve entre as maiores preocupações de Roquette-Pinto. Desta maneira, a Rádio Sociedade deve ser considerada como um espaço onde a preocupação com a educação esteve presente, desde sua fundação até sua doação, em 1936. Neste ano, Roquette-Pinto sentiu que não poderia manter mais a Rádio Sociedade com a receita gerada pelos pagamentos dos associados e de alguns anúncios. A pressão comercial seria maior e os fins exclusivamente educativos desapareceriam com o tempo. Para evitar que isso acontecesse, ele enviou uma carta à Gustavo Capanema, o então Ministro da Educação. O ministro mandou uma carta agradecendo a doação e sugerindo que fosse incorporada ao Departamento de Propaganda e Difusão Cultural, “de vez que esse é o órgão pelo qual o Governo Federal faz, normalmente, o seu serviço de radiodifusão”¹⁷⁸

No entanto, Roquette-Pinto acreditava que para assegurar que o caráter educativo da Rádio Sociedade não se perderia, enviou outra carta ao Ministro solicitando que a doação fosse realizada para o Ministério da Educação e Saúde, sendo o pedido atendido.¹⁷⁹

Rio de Janeiro, 28 de agosto de 1936. Meu caro Prof. Roquette-Pinto. Tenho muita satisfação em comunicar-lhe que o Sr. Presidente Getúlio Vargas me autorizou a aceitar o oferecimento contido em sua carta de 1º deste mês, reiterado na de 14 também fluente, no sentido de propor o prezado amigo, em Assembléia da Rádio Sociedade, a entrega dessa estação transmissora ao Ministério da Educação e Saúde Pública, que a confirmaria na sua feição educadora e conservaria, mediante contrato os seus atuais empregados. Na expectativa, pois, de satisfatório seguimento do assunto e reiteramento ao ilustre amigo os meus agradecimentos pela sua alta preocupação de servir aos nossos interesses educacionais, subcrevo-me cordialmente (a) Gustavo Capanema.”¹⁸⁰

¹⁷⁸ Ofício emitido para a Rádio Sociedade do Gabinete do Ministério da Educação e Saúde. Arquivo SOARMEC.

¹⁷⁹ Ofício emitido da Rádio Sociedade para o Gabinete do Ministério da Educação e Saúde. Arquivo SOARMEC.

¹⁸⁰ Carta existente no acervo Rádio Sociedade / Fiocruz

5. CONCLUSÃO

A formação de Roquette-Pinto, sua experiência como antropólogo, as influências de outros intelectuais, suas concepções sobre radiodifusão, o ideal de reformar a sociedade, a experiência da Rádio Sociedade, todos esses fatores permitiram a crença na educação da população como a iniciativa mais importante a ser realizada por um país e seus estudiosos preocupados. As expectativas de Roquette-Pinto quanto aos benefícios de uma sociedade instruída se apresentaram repetidamente em discursos que procuravam ressaltar uma diversidade de resultados. Entre eles, Roquette-Pinto procurou frisar a melhoria das condições de trabalho, o exercício dos direitos e deveres, o aparecimento de uma população saudável e a consciência da identidade nacional. Os benefícios se convergiam, no entendimento de Roquette-Pinto, para a possibilidade de transformação do Brasil em uma nação desenvolvida.

Foi por meio da Rádio Sociedade que educar passou pela divulgação da ciência e da tecnologia, mas também pela divulgação da música popular e clássica, da arte, da literatura, da transmissão de noticiários e das histórias infantis. Houve uma preocupação constante em contribuir para o fortalecimento do sentimento de nacionalidade da população brasileira.

Roquette-Pinto idealizava educar a população sob diferentes aspectos da cultura e com isso provocar uma mudança na forma de agir. Ao aprender sobre os saberes transmitidos pela Rádio Sociedade, a população poderia melhorar as condições de vida. Seu entendimento era de que o povo, ao não possuir certos conhecimentos, não teria oportunidade de melhorar as condições de vida”¹⁸¹. Também não poderiam votar com segurança, cumprir com os deveres cívicos, trabalhar e produzir, sem se deixar explorar e não renegar a ciência e suas informações para combater as doenças¹⁸².

Não encontramos dados suficientes para mensurar a quantidade de pessoas que realmente se beneficiavam do meio radiofônico e de sua função educadora. Houve uma estimativa de Roquette-Pinto de acordo com o número de licenças expedidas pelo Ministério da Viação e Telégrafos, e um número estimado

¹⁸¹ ROQUETTE-PINTO, 1926. p. 15-16.

¹⁸² Id.

de pessoas que se reuniam em volta de um único aparelho. Também não foi possível estabelecer comparações sobre a qualidade da programação da Rádio sociedade e o real efeito de uma sensível mudança da população em relação aos problemas enxergados por Roquette-Pinto. No decorrer do trabalho de realizado pela Rádio Sociedade, outras emissoras foram criadas e buscaram seguir a característica de rádio educadora. Entretanto a utilização do rádio era uma experiência nova e não havia ainda um parâmetro em relação a uma forma de educar através desse meio.

No entanto, podemos refletir sobre todas as iniciativas dentro de Roquette-Pinto dentro da Rádio Sociedade sob o caráter educador. Ele não falava de uma educação orientada somente pelos currículos escolares nem pelas produções científicas. Entendemos com a pesquisa que ele falava de uma educação pensada como “inicial”, a qual não soube nem falou em mensurar. Ele tinha a consciência de que as pessoas não aprendiam de forma igual e muito menos reconheceriam como necessários todos os saberes transmitidos pelo rádio. Educar para Roquette-Pinto não pode ser visto por dados quantitativos nem qualitativos, pois em seus discursos não encontramos estimativas, mesmo que otimistas, do número de pessoas a ser educado. E sobre a qualidade dessa educação podemos dizer que Roquette-Pinto convivia com um dilema entre o que chamamos hoje de informar e aprender. Nem tudo o que ele gostaria que as pessoas soubessem era o que efetivamente elas iam querer saber.

Assim, educar para Roquette-Pinto foi um exercício de negociação entre o que ele achava que era importante e o que o povo entendia como necessário para a vida. O dilema vivido por Roquette-Pinto acerca da educação se mostra atual e nos sugere refletir mais sobre os processos, as buscas, do que pelo resultado efetivo.

REFERÊNCIAS

A GAZETA DE NOTÍCIAS, 1923, Disponível em: <http://www.fiocruz.br/radiosociedade/media/J_GN_1923-05-11_Radiophonia.jpg>. Acesso em 18 mar. 2010.

A GAZETA DE NOTÍCIAS. Disponível em: <http://www.fiocruz.br/radiosociedade/media/J_GN_1923-04-19.jpg>. Acesso em: 18 mar. 2010.

A GAZETA DE NOTÍCIAS. Disponível em: <http://www.fiocruz.br/radiosociedade/media/J_GN_1923_Radiophonia_%28p09-a%29.jpg>. Acesso em :19 mar. 2010.

A NOITE, 1923. Disponível em: <[http://www.fiocruz.br/radiosociedade/media/J_AN_1923-05-18_Milagres%20do%20Ether_\(LR-p10\).jpg](http://www.fiocruz.br/radiosociedade/media/J_AN_1923-05-18_Milagres%20do%20Ether_(LR-p10).jpg)>. Acesso em: 15 mar. 2010.

A PÁTRIA, 1925. Disponível em: <http://www.fiocruz.br/radiosociedade/media/J_AP_1925-04-19_A-TSF-no-Brasil_%28LR-p44%29.jpg>. Acesso em: 14 mar. 2010.

ARANHA, J; MOREIRA, I. C.; MASSARANI, L. Roquette-Pinto e a divulgação científica. In: LIMA, Nísia Trindade; MIRANDA DE SÁ, Dominique (Org.). **Antropologia brasileira: ciência e educação na obra de Edgard Roquette-Pinto**. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2008, v. 1, p. 247-270.

BLOCH, Marc. **Apologia da história, ou, o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Joge Zahar, 2001. 259 p.

CARVALHO, Marta Maria C. **Molde nacional e fôrma cívica**. São Paulo: EDUSF, 1998. 506 p.

CARVALHO, Marta Maria C. **A escola e a República**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CARVALHO, Marta Maria C. Quando a história da educação é a história da disciplina e higienização das pessoas. In: FREITAS, Marcos Cezar de (Org.). **História Social da Infância no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2006. p. 291-309.

D'AVILLA, Jerry. **Diploma de brancura**: política social e racial no Brasil – 1917 – 1945. São Paulo: Ed. UNESP, 2006, 400 p.

DUARTE, R. H.: Em todos os lares, o conforto moral da ciência e da arte: a Revista Nacional de Educação e a divulgação científica no Brasil (1932-34). **História, Ciências, Saúde**, Manguinhos, v. 11, n. 1, p. 33-56, jan.-abr. 2004.

DUARTE, Regina Horta. Biologia, natureza e República no Brasil nos escritos de Mello Leitão (1922-1945). **Revista Brasileira de História (Impresso)**, São Paulo, v. 29, p. 317-340, 2009.

FERREIRA, Amália da Motta Mendonça. **O Cinema Escolar na História da Educação Brasileira**: a sua Resignificação através da Análise de Discurso. 2004. 159 f. Dissertação (Mestrado em Educação). –Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2004.

FIOCRUZ. **Acervo Rádio Sociedade**. Disponível em: <<http://www.fiocruz.br/radiosociedade/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=41>>. Acesso 1 mar. 2010.

FIOCRUZ. **Revista Electron**. n. 14 e 16. Disponível em: <<http://www.fiocruz.br/radiosociedade/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=61>> Acesso em: 11 mar. 2010.

FIOCRUZ. **Revista Electron**. n. 5. Disponível em: <http://www.fiocruz.br/radiosociedade/media/Electron_1%2805%29_%5Bbruto%5D.pdf>. Acesso em: 11 mar. 2010.

FIOCRUZ. **Revista Electron**. n. 1. Disponível em: <http://www.fiocruz.br/radiosociedade/media/Electron_1%2801%29.pdf>. Acesso em: 11 mar. 2010.

FIOCRUZ. **Revista Electron**. n. 4, Disponível em: <http://www.fiocruz.br/radiosociedade/media/Electron_1%2804%29_%5Bbruto%5D.pdf>. Acesso em: 11 mar. 2010.

FIOCRUZ. **Revista Electron**. n. 7, Disponível em: <http://www.fiocruz.br/radiosociedade/media/Electron_1%2807%29.pdf>. Acesso em: 11 mar. 2010.

FIOCRUZ. **Revista Electron.** n 11-13. Disponível em: <http://www.fiocruz.br/radiosociedade/media/Electron_1%2811-13%29_%5Bbruto%5D.pdf>. Acesso em: 11 mar. 2010.

FIOCRUZ **Revista Rádio.** n 16, 1924, Disponível em: <http://www.fiocruz.br/radiosociedade/media/Radio_1%2816%29.pdf> Acesso em 11 mar. 2010.

FIOCRUZ **Revista Rádio.** N. 13-24. 1924. Disponível em: <[http://www.fiocruz.br/radiosociedade/media/Radio_1\(13-24\)_coletanea.pdf](http://www.fiocruz.br/radiosociedade/media/Radio_1(13-24)_coletanea.pdf)>. Acesos em: 11 mar. 2010.

GILIOILLI, Renato de Souza Porto. **Educação e cultura no rádio brasileiro: concepções de rádioescola em Roquette-Pinto.** 2008. 409 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

GONDRA, José G. Medicina, higiene e educação escolar. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; MENDES FILHO, Luciano Faria; VEIGA, Cynthia Greive. **500 anos de educação no Brasil.** Belo Horizonte: Autentica, 2007. p. 519-550.

JORNAL DO COMÉRCIO, 1923. Disponível em: <[http://www.fiocruz.br/radiosociedade/media/J_JC_1923_Academia-Brasileira-de-Sciencias_\(LR-p01\).jpg](http://www.fiocruz.br/radiosociedade/media/J_JC_1923_Academia-Brasileira-de-Sciencias_(LR-p01).jpg)>. Acesso em 19 mar. 2010.

JORNAL O AMIGO DO OUVINTE: Informativo da Sociedade dos Amigos Ouvintes da Rádio MEC, nº 25, 1999, Biblioteca da SOARMEC.

LIMA, Nísia Trindade; MIRANDA DE SÁ, Dominique. Roquette-Pinto e a sua geração na república das letras e da ciência. In: _____. (Org.). **Antropologia brasileira: ciência e educação na obra de Edgard Roquette-Pinto.** Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2008. 327 p.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira: **História da Educação.** 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. 120 p.

MONARCHA, Carlos. **Brasil Arcaico, Escola Nova:** ciência técnica & utopia nos anos 1920-1930. São Paulo: UNESP, 2009. 342 p.

PARANHOS, Adalberto. A invenção do Brasil como terra do samba: os sambistas e sua afirmação social. **História**, Franca, v. 22, n. 1, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742003000100004> Acesso em: 11 abr. 2010.

PIMENTEL, Fábio Prado. **O Rádio educativo no Brasil**: uma visão histórica. 2. ed. Rio de Janeiro: Soarmec, 2009.

PRADO, Antonio Arnoni. Elucubrações dramáticas do professor Oiticica. **Estud. Av.**, São Paulo, v. 14, n. 40, set./dez. 2000. <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142000000300021&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 nov. 2010.

REVISTA "BZ", Disponível em: <<http://www.radioamador.org.br/revistas/anep-gra.htm>>. Acesso em: 20 mar. 2010.

REVISTA NACIONAL DE EDUCAÇÃO, Mello Leitão, Cândido, março de 1933, p. 03

ROCHA, Célia Aparecida. **A re-significação da eugenia na Educação entre 1946 e 1970**: um estudo sobre a construção do discurso eugênico na formação docente. 2010. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

ROQUETTE-PINTO, Edgard. **Rondônia**. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934.

ROQUETTE-PINTO, Edgard. **Ensaio brasileiro**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940

ROQUETTE-PINTO, Edgard. Radio Educação do Brasil. **Revista Electron**, Rio de Janeiro, n. 06, p. 15-16, 1926. Disponível em: <http://www.fiocruz.br/radiosociedade/media/Electron_1%2806%29_%5Bbruto%5D.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2010.

ROQUETTE-PINTO, Edgard. Museu nacional. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 3, p. 1, dez. 1932.

ROQUETTE-PINTO, Edgard. A história natural dos pequeninos. In: MASSARANI, Luísa (Org.). **O pequeno cientista amador: a divulgação científica e o público infantil**. Rio de Janeiro: Vieira e Lent, 2005. p. 59-63.

SCHVARZMAN, Sheila. Edgard Roquette Pinto e o Cinema. In: LIMA, Nísia Trindade; MIRANDA DE SÁ, Dominique (Org.). **Antropologia brasileira: ciência e educação na obra de Edgard Roquette-Pinto**. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2008.

SCHVARZMAN, Sheila. **Humberto Mauro e as imagens do Brasil**. São Paulo: Ed. UNESP, 2004. p. 95-135.

SCHWARCZ, Lilian Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

VEIGA, Cynthia Greive. **História da educação**. São Paulo: Ática, 2007. 328 p.

VENÂNCIO FILHO, Alberto. Roquette-Pinto, expressão de humanismo. In: LIMA, Nísia Trindade; MIRANDA DE SÁ, Dominique (Org.). **Antropologia brasileira: ciência e educação na obra de Edgard Roquette-Pinto**. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2008. p. 39-56.

VIDEIRA, Antônio Augusto Passos. **Henrique Morize e o ideal de ciência pura na República Velha**. Rio de Janeiro: FGV, 2003. 120 p.